Organizadores:
Hádrya Jacqueline da Silva Santos
Solange Santana Guimarães Morais

MANUAL DE OFICINAS LITERÁRIAS

EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS – EJAI

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA
Centro de Estudos Superiores de Caxias – CESC
Programa de Bolsas de Apoio Técnico Institucional – BATI
Laboratório de Pesquisa em Letras - LABLETRAS

Hádrya Jacqueline da Silva Santos
Solange Santana Guimarães Morais
Organização

MANUAL DE OFICINAS LITERÁRIAS: Educação de Jovens, Adultos e Idosos – EJAI

Para a realização deste manual contamos com a colaboração de:

Ana Lúcia Loura Matos – Graduanda em Letras (UEMA)

Eloilma Carvalho Pires – Profa. Me. em Letras (SEDUC – MA)

Emanoel César Pires de Assis – Prof. Dr. em Letras/Literatura (UEMA)

Georgyanna Andréa Silva Morais – Profa. Dra. em Educação (UEMA)

Gina da Rocha Aguiar – Graduanda em Letras (UEMA)

Francinaldo de Jesus Morais – Prof. Me. em História do Brasil (UFPI)

Hádrya Jacqueline da Silva Santos – Pós-Graduanda (UEMA)

Jainara da Conceição Moura – Graduanda em Letras (UEMA)

João Henrique Farias dos Santos – Graduando em Letras (UEMA)

Lílian Castelo Branco de Lima – Profa. Dra. em Antropologia Social (UEMASUL)

Maria Helena Damasceno da Costa – Prof. Me. em Literatura (SEDUC – MA)

Mariangela Santana Guimarães Santos – Profa. Dra. em História (UEMA)

Solange Santana Guimarães Morais – Profa. Dra. em Letras/Literatura (UEMA)

Valéria de Carvalho Santos – Graduanda em Letras (UEMA)

©2021 UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte

MANUAL DE OFICINAS LITERÁRIAS PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS (EJAI)

Revisão: Organizadores
Capa e Design do Manual: Hádrya Jacqueline da Silva Santos

O conteúdo da obra é de inteira responsabilidade dos autores/organizadores

___ **Manual de Oficinas Literárias para a Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) / Hádrya Jacqueline da Silva Santos, Solange Santana Guimarães Morais (orgs.). ed. 1. v. 01 São Luís: Editora UEMA, 2021.**

104 p.
ISBN: 978-65-89821-02-1
1. Educação. 2. EJAI. 3. Literatura. 4. Oficinas Literárias. I. SANTOS, Hádrya Jacqueline da Silva. II. MORAIS, Solange Santana Guimarães. III. Título.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 04
ORIENTAÇÕES INICIAIS 05
DIAGNÓSTICO INICIAL DE LEITURA E ESCRITA 10
CAPÍTULO I: Resgatando memórias através de poemas 13
CAPÍTULO II: Transformando o dia a dia em crônicas 36
CAPÍTULO III: Despertando a contação de histórias a partir do estudo do gênero Contos 76
DICAS EXTRAS 99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 104

Apresentação

Querido(a) Professor(a),

Este manual surgiu a partir da execução do projeto "Desenvolvimento e aprendizagem de jovens, adultos e idosos pouco escolarizados: a mediação através da literatura", vinculado à Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Campus Caxias, e tem como objetivo maior contribuir para o aprimoramento pedagógico em turmas da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI).

A preocupação em produzir este material se deu a partir da observação de que essa modalidade de ensino encontra-se carente de inovações, além de não contar com materiais específicos, gerando dificuldades para o professor, ao elaborar atividades, por exemplo, e aos alunos, uma vez que estes podem não se identificar com as atividades propostas.

Ainda que tenha sido preparado para o público-alvo da EJAI, este manual pode ser utilizado para a realização de trabalhos com outros níveis de ensino, pois encontra-se sujeito à adaptações.

Além disso, sabendo dos desafios da prática pedagógica – no que diz respeito ao desenvolvimento da leitura e da escrita – você, professor(a), contará com atividades que envolvam não apenas textos literários, mas também suportes diversos capazes de dinamizar o ensino e sensibilizar os alunos para a aprendizagem, como: indicação de filmes, músicas, vídeos etc.

Todas as atividades aqui sugeridas têm como objetivo não somente aprimorar os componentes leitura e escrita, mas também atiçar nos alunos a capacidade de expressarem-se e reconhecerem o valor das suas histórias.

Assim, este manual visa servir de suporte educacional complementar para os professores da EJAI, além de sensibilizar a elaboração de mais materiais direcionados ao público da EJAI.

Os autores.

Orientações Iniciais

As atividades propostas neste manual foram pensadas e elaboradas com base na execução do projeto "Desenvolvimento e aprendizagem de jovens, adultos e idosos pouco escolarizados: a mediação através da literatura", tendo como foco principal o Letramento Literário, uma vez que este é fator fundamental para o processo de ensino-aprendizagem, pois une inúmeras possibilidade de adequação de atividades.

Preocupamo-nos em orientar os professores desde a elaboração das atividades até a execução na sala de aula com os alunos. Além disso, buscamos não determinar tempo de duração para cada oficina proposta, pois sabemos das particularidades de cada professor, aluno e escola. Os processos de aprendizagem se dão de maneira diferente, podendo uma turma apresentar um nível mais acelerado ou não de aprendizagem, podendo a quantidade de aulas semanais serem maiores ou não, dentre outros fatores.

Assim, elaboramos um passo a passo metodológico para que o professor possa saber quando é possível terminar ou não as atividades, ou seja, a partir do momento que ele observar que executou todas as atividades e perceber um resultado satisfatório, saberá que cumpriu com os objetivos e dará início a uma nova atividade.

No quadro a seguir, encontram-se detalhados os passos da metodologia por nós proposta:

QUADRO 1: PASSO A PASSO METODOLÓGICO
1. ESCOLHER A TEMÁTICA A SER TRABALHADA 1.1 Elaborar um diagnóstico inicial (para ser aplicado aos alunos) acerca da temática escolhida, podendo conter questões tanto objetivas quanto subjetivas; 1.2 Preparar uma miniaula sobre o conteúdo a ser trabalhado; 1.3 Selecionar textos que exemplifiquem a temática; 1.4 Produzir atividades iniciais que permitam ao aluno uma aproximação da temática;

2. NA SALA DE AULA

2.1 Fazer uma abordagem inicial com os alunos, questionando-os sobre o conteúdo a ser iniciado e explicando a eles os objetivos da aula ou das atividades propostas;
2.2 Aplicar o diagnóstico inicial (com, mais ou menos, 10 questões). Este recurso permitirá que o professor conheça um pouco mais as preferências dos alunos, observe o nível de conhecimento dos alunos, além de facilitar a elaboração de atividades de acordo com o público-alvo;
2.3 Após o recolhimento do diagnóstico, o professor pode optar por discutir com os alunos algumas questões (ou todas, se preferir) desse recurso. Isso permitirá o melhor desenvolvimento da discussão sobre o conteúdo;
2.4 Apresentar uma miniaula sobre a temática, detalhando: objetivos, conceitos e características do objeto de estudo, atividades avaliativas etc. Nesta miniaula, o professor pode fazer leituras de textos ou executar atividades com os alunos (se achar conveniente para o momento e considerando, também, o tempo de duração da aula).

3. PREPARAÇÃO DE AULAS E ATIVIDADES ESPECÍFICAS

Agora que o professor já conhece melhor as preferências e os níveis de aprendizagem dos alunos, é possível preparar aulas e atividades mais voltadas para o seu público. Assim, o professor poderá:

3.1 Selecionar textos com um nível de dificuldade específico, podendo ser de fácil compreensão ou não;
3.2 Optar por selecionar textos de acordo com a realidade da turma, da escola, da cidade etc. É importante que as atividades estejam preocupadas em aproximar os alunos da realidade por eles vivenciada. Além disso, essa relação possibilita um melhor desenvolvimento das atividade e, consequentemente, produz resultados satisfatórios, uma vez que os alunos não estranharão a proposta da aula, pelo contrário, terão a curiosidade e o interesse ainda mais atiçados;

3.3 Fazer maiores pesquisas sobre o conteúdo a ser ministrado, identificando os prós e os contras, pois sabemos que o contexto escolar é repleto de desafios e o professor tem de estar preparado para lidar com as dúvidas e curiosidades dos alunos. Não significa ser dono do saber, mas, sim, ter uma bagagem boa o suficiente para enfrentar os desafios surgidos;

Resumindo, aqui, o professor poderá elaborar três atividades diferentes para trabalhar com os alunos de forma individual e coletiva, selecionar de três a cinco textos (se for o caso) para serem lidos e discutidos em sala de aula.

4. EXECUÇÃO*

4.1 Discussão – retomada da temática/conteúdo a ser estudada(o);
4.2 Compartilhamento de experiências do professor e do aluno;
4.3 Rodas de leituras:
    4.3.1 Leitura de um texto pelo professor, seguida de discussão sobre a leitura;
    4.3.2 Distribuição de textos para os alunos lerem individualmente;
    4.3.3 Produção oral – os alunos falarão das suas percepções acerca do que foi lido, o que pode possibilitar uma discussão bastante proveitosa;
4.4 Resolução de atividades propostas;
4.5 Produções escritas individuais;
4.6 Apresentação de algum recurso midiático sobre a temática, podendo ser: um slide, uma música, um curta-metragem etc.;
4.7 Exposição das atividades – os alunos precisam se sentir motivados, para tanto, é importante que eles entendam que todas as produções deles têm um valor. A melhor forma de demonstrar isso é através de: exposições das produções, seja em forma de feira ou pôsteres espalhados pela escola; um livro/revista com as produções; um vídeo com apresentações dos alunos etc.

*O passo 4 comporta propostas de execução que o professor pode escolher uma ou mais para trabalhar com os alunos, preocupando-se, claro, em adequá-las à necessidade da turma.

5. AVALIAÇÃO

O professor poderá avaliar o aluno de diversas formas, podendo ser a partir do nível de leitura e de escrita, da participação, da execução das atividades, da coletividade, entre outras.

5.1 Diagnóstico final

A partir dos objetivos propostos e resultados esperados, o professor poderá elaborar um questionário visando identificar os aprendizados dos alunos, tendo como base o que foi trabalhado. Esse diagnóstico final será comparado com o diagnóstico inicial, visando identificar os pontos positivos e os pontos negativos (a partir da perspectiva dos alunos). Também servirá como forma de aprimoramento da metodologia, isto é, o professor identificará o que foi capaz de contribuir ou não para o processo de ensino-aprendizagem, o que facilitará para a elaboração de atividades futuras.

Destacamos, portanto, que o passo a passo proposto serve apenas como orientação ao professor, para que ele tenha uma base de início e término da execução das atividades.

Importa esclarecer que as atividades que compõem este manual consistem em oficinas móveis, isto é, não dependem, necessariamente, uma da outra. E, embora o manual indique atividades específicas para cada temática, é importante saber que há possibilidade de adequações e até mesmo de criações de novas atividades baseadas nas já existentes, uma vez que o objetivo geral deste manual perpassa por todas elas. Ainda assim, cada temática aqui sugerida encontra-se dividida por capítulo, visando facilitar a compreensão do leitor.

Tendo em vista o nosso público-alvo (alunos da EJAI, com parcela maior de idosos), as atividades foram elaboradas com o intuito de ampliar o sentido da realidade dos alunos e possibilitar diálogos com as suas histórias de vida, para, posteriormente, fortalecer a prática de leitura e escrita, uma vez que é preciso inicialmente conquistar esse público.

Como mencionado, cada capítulo trará uma temática base, iniciando-se com uma apresentação de conceitos básicos do conteúdo sugerido, objetivos gerais e específicos, etapas e sugestões de atividades, além de dicas de livros, filmes, músicas e/ou outras possibilidades de execução.

Por fim, esperamos que este material seja de grande contribuição para o desenvolvimento da leitura e da escrita na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), podendo estar sujeito a alterações e adaptações de acordo com os contextos educacionais. Que este manual possa servir, também, de inspiração para a produção de outros suportes pedagógicos direcionados ao público da EJAI, público este que encontra-se carente de inovações.

Bom trabalho!

Diagnóstico Inicial de Leitura e Escrita**

• **OBJETIVOS:**

- Analisar o nível de leitura e escrita dos alunos;

- Conhecer os hábitos de leitura dos alunos;

- Identificar as dificuldades e expectativas dos alunos.

• **MATERIAL NECESSÁRIO:**

Questionário elaborado e impresso para aplicação.

• **DESENVOLVIMENTO:**

1. Exposição do questionário aos alunos, seguida de explicações acerca dos objetivos que se deseja alcançar com a aplicação desse instrumento de coleta de dados. Nesse momento, é importante que o professor esclareça o comprometimento ético com os resultados obtidos, afirmando aos alunos que as respostas não serão expostas. Isso garante maior segurança aos alunos, possibilitando que eles sejam fieis nas respostas;

2. Aplicação do questionário. Aqui, o professor poderá fazer uma leitura compartilhada de todas as questões. Contudo, convém destacar que a interpretação das questões também faz parte do diagnóstico, assim, mesmo que os alunos solicitem explicações, o professor tem de interferir o mínimo possível;

3. Análise dos dados. Como não haverá a possibilidade de analisar os dados assim que coletá-los, fica como sugestão para o professor, após a coleta dos questionários, conversar com os alunos sobre algumas questões, dando espaço para que os alunos deem suas opiniões;

4. Por fim, após a análise, detalhamento de todos os dados e identificação das dificuldades e expectativas dos alunos, o professor se sentirá mais seguro para **elaborar atividades mais direcionadas ao seu público-alvo.**

**Este diagnóstico tem caráter mais generalizado, ou seja, não tem como base uma temática específica, pelo contrário, visa conhecer o nível, hábitos e a preferência de leitura dos alunos. Ainda assim, esse questionário pode servir como base para a elaboração de diagnósticos específicos. Além disso, a aplicação do diagnóstico inicial serve para nortear o trabalho a ser desenvolvido, levando em conta as necessidades da turma.

QUESTIONÁRIO INICIAL

Nome: _____ Idade: _____

1) Para você, o que é leitura?
_____
_____
_____

2) Você gosta de ler? ( ) Gosto ( ) Gosto Muito ( ) Não Gosto

3) Que tipo de leitura você costuma fazer? Marque uma ou mais.
( ) revistas
( ) Histórias em quadrinhos
( ) Jornais Impressos
( ) Jornais Digitais (internet)
( ) Livros
( ) Poemas
( ) Romances
( ) Séries policiais
( ) artigos na internet
( ) Outras leituras. Quais? _____

4) Quanto tempo faz que você leu um livro?

( ) Há uma semana ( ) Há um mês ( ) Há menos de 1 ano
( ) Há um ano ( ) Não Lembro ( ) Não leio livros

5) Você lembra o nome do último livro ou texto que leu? E o(a) autor(a)?
_____
_____

6) Existe algum livro que lhe marcou? Qual e por quê?
_____
_____
_____

7) Você já frequentou alguma biblioteca? ( ) Sim ( ) Não

8) Avalie as afirmativas a seguir considerando uma nota de 1 a 5.
(5) Extremamente importante
(4) Muito importante
(3) Importante
(2) Pouco importante
(1) Sem importância

a) Ler somente livros que eu escolha (5) (4) (3) (2) (1)
b) Ler livros que tenham a ver com a minha realidade (5) (4) (3) (2) (1)
c) Conversar com os colegas sobre minhas experiências (5) (4) (3) (2) (1)
d) Fazer atividades em grupo (5) (4) (3) (2) (1)
e) Fazer leituras individuais (5) (4) (3) (2) (1)

9) **Você costuma ler por qual motivo?**
( ) Porque é importante
( ) Porque eu gosto
( ) Por dever escolar
( ) Por outra razão. Qual? _____

10) Qual a sua maior dificuldade em relação à leitura?
( ) Os livros são muito caros
( ) Não gosto muito de ler
( ) Não encontro temas interessantes
( ) Tenho dificuldade em compreender os livros e textos
Por outro motivo. Qual? _____

Obrigado pelo sua participação!

CAPÍTULO 1:

Resgatando memórias através de poemas

O que é?

Poema é um **texto literário escrito em versos**, que são distribuídos em estrofes, podendo conter rimas ou não. **A palavra poema é derivada do verbo grego *poeín*, que significa "fazer, criar, compor"**

POEMAS

CARACTERÍSTICAS:

Tem como finalidade expressar sentimentos, emocionar, entreter o leitor; Pode ser oral ou escrito; Tem por tema assuntos variados; Estruturalmente, organiza-se em versos, que podem se agrupar em uma ou mais estrofes; A linguagem é expressiva, figurada, pessoal, subjetiva, geralmente na variedade padrão; Explora a sonoridade, o ritmo e a rima das palavras; Pode apresentar palavras e expressões que exploram os sentidos; Apresenta palavras e expressões em sentido figurado; Pode apresentar palavras repetidas.

TIPOS DE POEMAS:

Poema épico ou narrativo: **c**onta uma história, em forma de versos, e apresenta todas as características do gênero narrativo, como narrador, personagens, tempo e espaço;

Poema dramático: não apresenta a voz de um narrador, pois a história se desenrola a partir das falas dos personagens, estruturadas em forma de versos;

Poema lírico: manifesta ideias, emoções ou desejos.

ALGUNS AUTORES:

Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Guimarães Rosa, Vinicius de Moraes, entre outros.

OFICINA: RESGATANDO MEMÓRIAS ATRAVÉS DE POEMAS

Objetivos

- Aprimorar os conhecimentos acerca do gênero textual "poema";
- Incentivar o desenvolvimento da leitura, da escrita e da expressão oral;
- Promover debates reflexivos sobre as temáticas presentes nos poemas;
- Resgatar memórias a partir de leituras literárias de poemas;
- Produzir poemas e/ou textos narrativos sobre as memórias resgatadas;
- Expor as produções dos alunos através de cartazes, apresentações orais e/ou coletânea de poemas/textos.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

1. PREPARAÇÃO

- Produzir um slide com conceitos de poema e poesia, diferenças e exemplos de cada um;
- Separar livros de gêneros diversos, sendo mais de poemas;
- Selecionar poemas de autores diversos e de acordo com a temática memórias;
- Elaborar atividades com foco na diferença entre poema e poesia;
- Selecionar imagens, vídeos, pinturas e músicas que possam remeter à temática (poemas, memórias);

- Elaborar uma atividade interpretativa com um dos poemas;
- Produzir cruzadinhas e caça-palavras sobre algum poema ou sobre a biografia de algum dos autores.

2. NA SALA DE AULA

2.1 Primeiro Momento

- Atividade de sensibilização: Apresentar o poema "Motivo", de Cecília Meireles, musicalizado pelo cantor Fagner. Disponível através do link: https://www.youtube.com/watch?v=5fZG4rFOeSg&pp=QAA%3D ;
- Conversa inicial com os alunos sobre o vídeo apresentado, questionando-lhes à respeito de poemas, da proximidade da música com poema, sobre a temática do poema etc.;
- Apresentação do slide com os conceitos de poemas, características e exemplos. É importante que o professor exponhas as diferenças entre poema e poesia;
- Leituras de poemas (Sugestões no anexo 1);
- Resolução de atividades interpretativas (Anexo 2) individualmente e, em seguida, discussão sobre o poema e atividade;
- Pôr sobre uma mesa vários livros (não apenas de poemas). O intuito aqui é que cada aluno possa ir até a mesa, analisar os livros e pegar um que seja de poema;
- Cada aluno vai escolher um poema do livro selecionado para compartilhar com a turma a leitura.

2.2 Segundo Momento

- Retomar brevemente o conceito de poema;
- Apresentar um slide sobre alguns do autores que forem trabalhados;
- Transmitir um vídeo com um cordel sobre memória/saudade. Sugestões:

https://www.youtube.com/watch?v=TNH-0HOqCEg

https://www.youtube.com/watch?v=MlSJccRqLPY

- Ler um poema com foco em memórias e em seguida interpretá-lo com os alunos. Pode ser o "Lembranças de morrer", de Álvares de Azevedo;
- Distribuir cópias do poema com cinco questões interpretativas (Anexo 3);
- Fazer leitura coletiva do poema. Depois, cada aluno escolherá uma pergunta para responder. Não tem problema se a pergunta se repetir, o que importa são as diversas percepções que os alunos poderão ter com a atividade;
- Entregar para os alunos um envelope, contendo poemas, atividades interpretativas, uma cruzadinha e um caça-palavras sobre algum poema, para que os alunos levem para casa e devolvam no encontro posterior (Anexo 4);
- Solicitar que os alunos procurem, em suas casas, objetos, fotos ou outra coisa que represente uma lembrança, que tenham um valor sentimental, e levem para o próximo encontro na escola.

2.3 Terceiro Momento

- Resolver as atividades do envelope com os alunos;
- Os alunos apresentarão os objetos escolhidos para turma, além de contarem as suas lembranças (o professor também deverá participar da atividade. Dessa forma, os alunos se sentirão mais à vontade para socializarem as suas lembranças);
- Levar fotos de tempos diversos para que os alunos ajudem a organizar em ordem cronológica cada uma delas. O objetivo aqui é de fazer com que os alunos compreendam a importância da história, as mudanças e características de cada tempo;
- Solicitar que cada aluno produza um poema sobre alguma lembrança, podendo, inclusive, ser a mesma do objeto apresentado;
- Orientar os alunos durante a produção dos poemas.

*Caso o professor note dificuldade por parte dos alunos para a produção dos poemas, tendo em vista questões estruturais do gênero em si, ele pode solicitar que os alunos produzam um texto falando sobre alguma memória sua, contando suas experiências ou até mesmo explicando o porquê de estar estudando em uma turma de EJAI, levando em consideração os acontecimentos passados.

2.4 Quarto Momento

- Produção de um mural intitulado "Lembranças da minha vida" com colagens dos poemas produzidos pelos alunos, de recortes de revistas que remetam às memórias dos poemas e outros detalhes a mais que forem convenientes;
- Exposição do mural para toda a escola, podendo ficar colado em alguma parede ou até mesmo no mural de avisos escolar.

3. AVALIAÇÃO

Observar as competências de leitura e escrita dos alunos, o desempenho e interesse nas atividades, as produções e resoluções das atividades propostas. Além disso, o professor pode agregar, também, autoavaliações. Isto é, solicitar que os alunos falem sobre seus aprendizados com a oficina.

ANEXOS DO CAPÍTULO I

ANEXO 1 – POEMAS PARA LEITURA E DISCUSSÃO COM OS ALUNOS

Os poemas

(Mário Quintana)

Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde e pousam
no livro que lês.
Quando fechas o livro, eles alçam voo
como de um alçapão.
Eles não têm pouso
nem porto
alimentam-se um instante em cada par de mãos
e partem.
E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
no maravilhoso espanto de saberes
que o alimento deles já estava em ti...

Memória

(Carlos Drummond de Andrade)

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão

Mas as coisas findas
muito mais que lindas,
essas ficarão.

Essa lembrança

(Mário Quintana)

Essa lembrança que nos vem às vezes...
folha súbita
que tomba
abrindo na memória a flor silenciosa
de mil e uma pétalas concêntricas...
Essa lembrança... mas de onde? de quem?
Essa lembrança talvez nem seja nossa,
mas de alguém que, pensando em nós, só possa
mandar um eco do seu pensamento
nessa mensagem pelos céus perdida...
Ai! Tão perdida
que nem se possa saber mais de quem!

Retrato do Poeta Quando Jovem

(José Saramago)

Há na memória um rio onde navegam
Os barcos da infância, em arcadas
De ramos inquietos que despregam
Sobre as águas as folhas recurvadas.

Há um bater de remos compassado
No silêncio da lisa madrugada,
Ondas brancas se afastam para o lado
Com o rumor da seda amarrotada.

Há um nascer do sol no sítio exacto,
À hora que mais conta duma vida,
Um acordar dos olhos e do tacto,
Um ansiar de sede inextinguida.

Há um retrato de água e de quebranto
Que do fundo rompeu desta memória,
E tudo quanto é rio abre no canto
Que conta do retrato a velha história.

De que são feitos os dias?

(Cecília Meireles)

De que são feitos os dias?
- De pequenos desejos,
vagarosas saudades,
silenciosas lembranças.

Entre mágoas sombrias,
momentâneos lampejos:
vagas felicidades,
inatuais esperanças.

De loucuras, de crimes,
de pecados, de glórias
- do medo que encadeia
todas essas mudanças.

Dentro deles vivemos,
dentro deles choramos,
em duros desenlaces
e em sinistras alianças...

Tomara

(Vinicius de Moraes)

Que a tristeza te convença
Que a saudade não compensa
E que a ausência não dá paz
E o verdadeiro amor de quem se ama
Tece a mesma antiga trama
Que não se desfaz

E a coisa mais divina
Que há no mundo
É viver cada segundo
Como nunca mais...

Lembranças de Morrer
(Álvares de Azevedo)

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro,
- Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro;

Como o desterro de minh'alma errante,
Onde fogo insensato a consumia:
Só levo uma saudade - é desses tempos
Que amorosa ilusão embelecia.

Só levo uma saudade - é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas.
De ti, ó minha mãe, pobre coitada,
Que por minha tristeza te definhas!

Se uma lágrima as pálpebras me inunda,
Se um suspiro nos seios treme ainda,
É pela virgem que sonhei. que nunca
Aos lábios me encostou a face linda!

Só tu à mocidade sonhadora
Do pálido poeta deste flores.
Se viveu, foi por ti! e de esperança
De na vida gozar de teus amores.

Beijarei a verdade santa e nua,
Verei cristalizar-se o sonho amigo.
Ó minha virgem dos errantes sonhos,
Filha do céu, eu vou amar contigo!

Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,
À sombra de uma cruz, e escrevam nela:
Foi poeta - sonhou - e amou na vida.

Amar, nunca me coube

(Mario Quintana)

Amar, nunca me coube
Mas sempre transbordou
O rio de lembranças
Que um dia me afogou

E nesta correnteza
Fiquei a navegar
Embora, com certeza,
Não possa me salvar

Amar nunca me trouxe
Completo esquecimento
Mas antes me somou
Ao antigo tormento

E assim, cada vez mais,
Me prendo neste nó
E cada grito meu
Parece ser maior

Do Amoroso Esquecimento
(Mario Quintana)

Eu, agora - que desfecho!
Já nem penso mais em ti...
Mas será que nunca deixo
De lembrar que te esqueci?

Chega de Saudade
(Vinicius de Moraes)

Vai, minha tristeza, e diz a ela
Que sem ela não pode ser
Diz-lhe, numa prece, que ela regresse
Porque eu não posso mais sofrer

Chega de saudade, a realidade é que sem ela
Não há paz, não há beleza
É só tristeza e a melancolia
Que não sai de mim, não sai de mim, não sai

Mas, se ela voltar, se ela voltar
Que coisa linda, que coisa louca
Pois há menos peixinhos a nadar no mar
Do que os beijinhos que eu darei na sua boca

Dentro dos meus braços
Os abraços hão de ser milhões de abraços
Apertado assim, colado assim, calado assim
Abraços e beijinhos e carinhos sem ter fim

Que é pra acabar com esse negócio de viver longe de mim
Não quero mais esse negócio de você viver assim
Vamos deixar desse negócio de você viver sem mim

Retrato
(Cecília Meireles)

Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro,
Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida
a minha face?

Deus nos dá pessoas e coisas,
para aprendermos a alegria...
Depois, retoma coisas e pessoas
para ver se já somos capazes da alegria
sozinhos...
Essa... a alegria que ele quer

(Guimarães Rosa)

ANEXO 2 – ATIVIDADE DE INTERPRETAÇÃO

Meus oito anos

Casimiro de Abreu

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
De despontar da existência!
– Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é – lago sereno,
O céu – um manto azulado,
O mundo – um sonho dourado,
A vida – um hino d'amor!

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d´estrelas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias de minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
– Pés descalços, braços nus –
Correndo pelas campinas
À roda das cachoeiras,

Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!

Naqueles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

[...]

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
– Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

QUESTÕES INTERPRETATIVAS

1. Na sua opinião, o que é a "aurora da minha vida" mencionada pelo autor?

2. O poema de Casimiro de Abreu reflete o seu eu, as suas imaginações e situações reais. Na maioria das vezes, a sua poesia é centrada em um tema fundamental: a saudade. Sendo assim, qual das opções abaixo mais se aproxima da ideia de saudade?

a) Se eu soubesse que no mundo / Existia um coração, / Que só por mim palpitasse / De amor em terna expansão; / Do peito calara as mágoas, / Bem feliz eu era então!
b) Oh! não me chames coração de gelo! / Bem vês: traí-me no fatal segredo. / Se de ti fujo é que te adoro e muito, / És bela – eu moço; tens amor, eu – medo!...
c) Naqueles tempos ditosos / Ia colher as pitangas, / Trepava a tirar as mangas, / Brincava à beira do mar;/ Rezava às Ave-Marias, / Achava o céu sempre lindo,/ Adormecia sorrindo / E despertava a cantar!

d) Minh'alma é triste como a flor que morre / Pendida à beira do riacho ingrato; / Nem beijos dá-lhe a viração que corre, / Nem doce canto o sabiá do mato!
e) Tu, ontem, / Na dança / Que cansa, / Voavas / Co'as faces / Em rosas / Formosas / De vivo, / Lascivo / Carmim; / Na valsa / Tão falsa, / Corrias, / Fugias, / Ardente, / Contente, / Tranquila, / Serena, / Sem pena / De mim!

3. Como era o lugar que o eu lírico viveu a sua infância?

4. Apesar de o poema retratar a saudade da infância, como o eu lírico diz estar no presente?

5. No poema, a natureza é valorizada? Caso sim, cite versos que exemplifique a sua afirmação.

6. Quanto à estrutura do poema, existem quantos versos e quantas estrofes?

7. No poema lido tem rimas? Cite algumas.

8. Você se identificou com algum trecho poema? Qual?

9. De maneira geral, qual é a sua opinião sobre o poema lido?

ANEXO 3 – ATIVIDADE

VELHA CHÁCARA

A casa era por aqui...
Onde? Procuro-a e não acho.
Ouço uma voz que esqueci:
É a voz deste mesmo riacho.

Ah quanto tempo passou!
(Foram mais de cinqüenta anos)
Tantos que a morte levou!
(E a vida... nos desenganos...)

A usura fez tábua rasa
Da velha chácara triste:
Não existe mais a casa...

— Mas o menino ainda existe.

(Manuel Bandeira)

1. Na sua opinião, o que o eu lírico quis dizer com "Procuro-a e não acho. Ouço uma voz que esqueci: é a voz deste mesmo riacho"?

2. Na segunda estrofe, o eu lírico lamenta os fatos recorrentes do tempo. Que fatos foram esses?

3. Com base nas lembranças do eu lírico, formule opiniões sobre como era a infância dele.

4. Você concorda que o eu lírico esteja falando somente da chácara? Justifique sua resposta.

5. O que o eu lírico quis dizer com "Da velha chácara triste: Não existe mais a casa... mas o menino ainda existe"?

ANEXO 4 – ENVELOPE DE ATIVIDADES

Imagem: Exemplo do modelo de envelope.

1. Leia o poema e em seguida responde ao que se pede. Utilize o dicionário se julgar necessário:

Sonhe

(Clarice Lispector)

Seja o que você quer ser,
porque você possui apenas uma vida e nela só se tem uma chance
de fazer aquilo que quer.

Tenha felicidade bastante para fazê-la doce.
Dificuldades para fazê-la forte.
Tristeza para fazê-la humana.
E esperança suficiente para fazê-la feliz.

As pessoas mais felizes não têm as melhores coisas.
Elas sabem fazer o melhor das oportunidades que aparecem em seus caminhos.

A felicidade aparece para aqueles que choram.
Para aqueles que se machucam.
Para aqueles que buscam e tentam sempre.
E para aqueles que reconhecem a importância das pessoas que passam por suas vidas.

a) Com base na leitura do poema, você diria que o eu lírico se sente melancólico? Justifique sua resposta.
b) O que o eu lírico propõe quando diz "tenha felicidade bastante para fazê-la doce"?
c) No primeiro verso da terceira estrofe, o eu lírico afirma que "as pessoas mais felizes não têm as melhores coisas". Você concorda? Qual o ideal de felicidade para você?
d) O que seria "[...] fazer o melhor das oportunidade que aparecem em seus caminhos"?
e) Dê sua opinião sobre o primeiro verso da última estrofe.

2. Leia o poema e em seguida responde ao que se pede. Utilize o dicionário se julgar necessário:

Todo caminho da gente é resvaloso.
Mas também, cair não prejudica demais
A gente levanta, a gente sobe, a gente volta!...
O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim:
Esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa,
Sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem.
Ser capaz de ficar alegre e mais alegre no meio da alegria,
E ainda mais alegre no meio da tristeza...

(Guimarães Rosa)

a) Quem seria o "a gente" tanto mencionado no poema?
b) O que o eu lírico deixa transparecer quando diz "Mas também, cair não prejudica demais"?
c) Mencione as controvérsias apresentadas no poema.
d) Segundo o eu lírico, o que a vida quer da gente? Faça uma breve reflexão.
e) Como seria a pessoa que passa todas as incertezas da vida e ainda se mantém em pé?
f) O poema fala de motivação? Justifique sua resposta.

Leia o poema a seguir:

Canção do Exílio
(Gonçalves Dias)

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

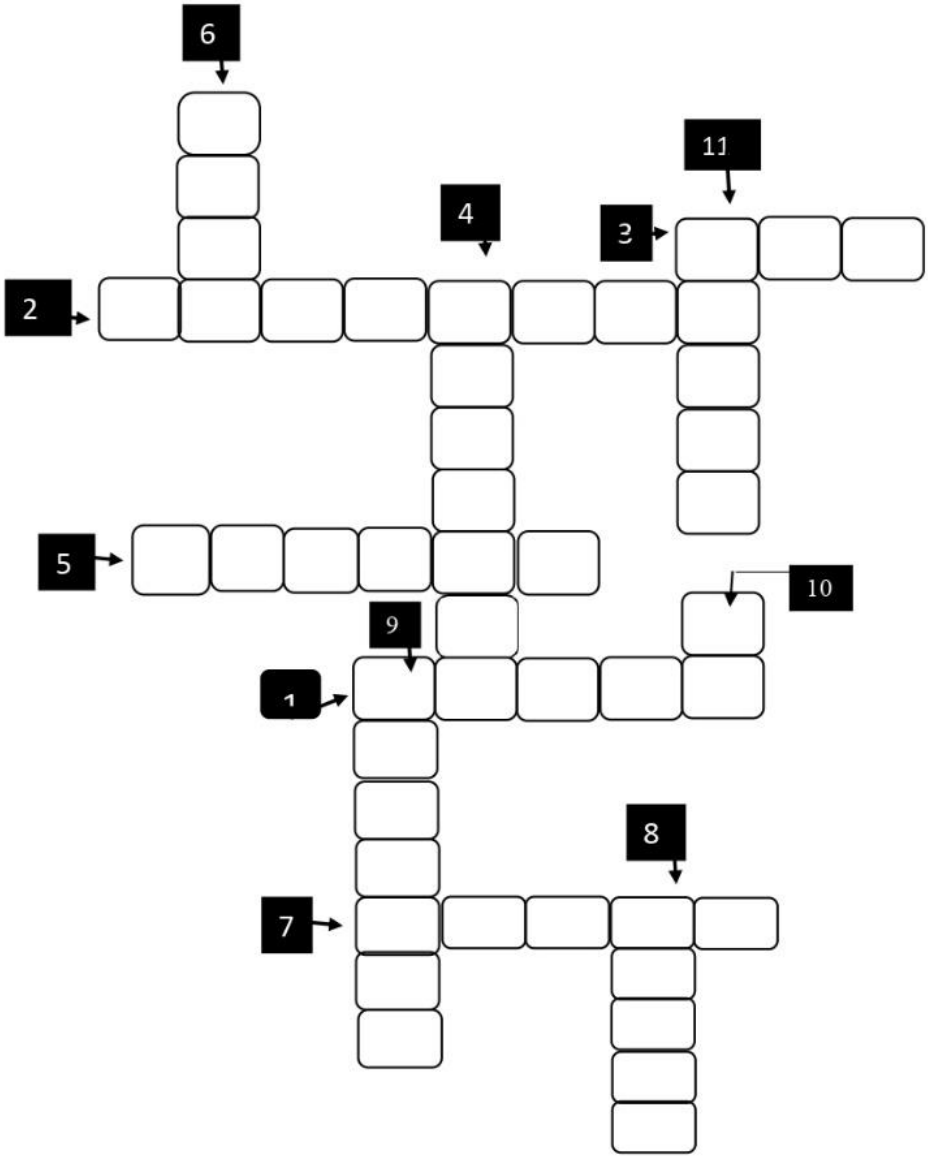
Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

CRUZADINHA

1. **Pássaro citado no poema "Canção do Exílio", de Gonçalves Dias _____.**
2. **Árvore muito comum no Maranhão _____.**
3. **Está acima das nuvens _____.**
4. **Palavra que completa o seguinte provérbio: "Se a sua _____ não brilha, não tente apagar a minha".**
5. **Há em abundância nos jardins _____.**
6. **Espaço de tempo entre o nascimento e a morte _____.**
7. **Momento do dia em que há ausência de luz solar _____.**
8. **Planeta do sistema solar que é pequeno e conhecido por sua cor azul _____.**
9. **Sinônimo de "desacompanhado" _____.**
10. **Nota musical que também é utilizada para dar noção de espaço _____.**
11. **O que um cantor faz em um palco? _____.**



CAÇA-PALAVRAS – CANÇÃO DO EXÍLIO

❖ **Para resolver este caça-palavras, você precisa primeiro ter resolvido a cruzadinha, pois as palavras que você procurará são as mesmas da cruzadinha.**

S S E E N E E Z I T U O
Z F M R H O S T W S U U
E E D S O Z I N H O Y A
A E R A E L R T E T A U
R S V C Á E L R E N U U
T T E I L I C R E H T C
T R Y T D S R É U Y A O
E E O A A A O F U N W O
O L V E T B F L T L H H
P A L M E I R A S O T S
Y R H I T Á E S E S H E
O I E T I T D I S I O D

crônica

CAPÍTULO II:

Transformando o dia a dia em crônicas

O que é?

Crônica é um tipo de narrativa que aborda acontecimentos do dia a dia em um texto curto, podendo ser encontrada entre o jornalismo e a literatura. Por consistir num texto mais simples e ser utilizada para descrever fatos do cotidiano, a crônica facilita a aproximação do leitor, como uma conversa entre amigos, o que torna a leitura leve e divertida.

CRÔNICA

CARACTERÍSTICAS:

Escrita em textos curtos e de fácil compreensão; Possui linguagem despojada e simples; Narra situações do cotidiano; O uso de poucos personagens (às vezes, nenhum); Caráter crítico sobre comportamentos e situações; O uso do humor crítico, irônico e sarcástico; Segue um tempo cronológico determinado.

TIPOS DE CRÔNICA:

Narrativa, humorística, descritiva, dissertativa, histórica, jornalística, poética, entre outros.

ALGUNS AUTORES:

Machado de Assis, Lima Barreto, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Luís Fernando Veríssimo, Rubem Braga, Fernando Sabino e muitos outros.

OFICINA: TRANSFORMANDO O DIA A DIA EM CRÔNICAS

Objetivos:

- Conhecer o gênero crônica e cronistas;
- Incentivar o desenvolvimento da leitura, da escrita e da expressão oral;
- Conscientizar sobre o poder formador da leitura literária proporcionando conhecimentos diversos;
- Promover debates, reflexões e argumentações acerca da crítica social presente nos textos lidos;
- Produzir crônicas.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

1. PREPARAÇÃO

- Preparar uma miniaula introdutória sobre o gênero Crônica. A miniaula pode ter como suporte slides contendo conceitos, características e estrutura do gênero, além de imagens e biografias breves de alguns autores mais conhecidos;
- Considerando a quantidade de alunos, o professor pode optar por trabalhar com 4 ou mais autores, tendo em vista, também, os tipos de crônicas, podendo dividir a turma em grupos para que cada um possa trabalhar um autor/tipo de crônica diferente;
- Separar livros de crônicas de autores diversos para disponibilizar aos alunos;

- Selecionar crônicas de todos os tipos;
- Elaborar atividades de interpretação para duas ou mais crônicas escolhidas;
- Produzir um quebra-cabeça de uma das crônicas selecionadas para que os alunos possam tentar pôr na ordem correta o texto;
- Elaborar 20 perguntas para um Quiz (podendo ser questões voltadas para a vida de autores, crônicas lidas ou até mesmo para a estrutura das crônicas);
- Selecionar um ou mais vídeos (a depender da duração de cada um) com crônicas em formato de curta-metragem;
- Separar a crônica "Direito dos burros", de Machado de Assis, e o poema "O bicho", de Manuel Bandeira, para fazer uma contextualização entre ambos;
- Preparar uma caixa ou um saco com diversos tipos de objetos.

2. NA SALA DE AULA

2.1 Primeiro Momento

- Identificar os conhecimentos prévios dos alunos acerca do gênero Crônica, o que pode ser feito através de conversas;
- Antes de partir para o estudo do gênero, o professor pode fazer a leitura do poema "O bicho", de Manuel Bandeira (Anexo 1), para em seguida fazer a leitura da crônica "Direito dos burros", de Machado de Assis (Anexo 1). Sugere-se aqui uma contextualização entre ambos os textos, como a questão de animais que sofrem maus tratos que pode ser aproximada às condições de vida de pessoas que vivem na rua como animais;
- Feitas as duas leituras, professor e alunos trocarão ideias, opiniões e experiências, tendo em vista as temáticas abordadas nos textos;
- Apresentação da Miniaula: o professor vai, de fato, adentrar no gênero Crônica, apresentando aos alunos conceitos, características, classificação das crônicas, autores etc. A miniaula fica a critério do professor, uma vez que ele pode optar por levar slides, vídeos, conteúdos impressos ou um outro recurso de sua preferência;

- Roda de leitura: o professor pode distribuir quatro crônicas diferentes (Anexo 2), sendo uma humorística, uma jornalística, uma histórica e uma narrativa. As pessoas que ficarem com a crônica do tipo humorística poderão fazer considerações acerca da leitura e características do texto lido. Assim acontecerá com os demais tipos de crônica.

2.2 Segundo Momento

- Fazer uma breve retomada dos conceitos, características e tipos de crônica;
- Dividir a turma em 4 ou 5 grupos, a depender da quantidade de alunos. Entregar para cada grupo a biografia de um cronista e uma crônica desse autor (Anexo 3). Cada grupo, após o estudo, apresentará para a turma o autor, além de fazer a leitura da crônica e apontar características do gênero no texto lido;
- Apresentar um vídeo com uma crônica em formato de curta-metragem. Esse recurso servirá para mostrar aos alunos as adaptações de crônicas, além de mostrar outras formas possíveis de leitura. Como sugestão, temos a crônica "O lixo", de Luís Fernando Veríssimo, adaptada e disponível no link a seguir: https://www.youtube.com/watch?v=LXxRjootpy4;

Imagem 1: adaptação de "O lixo", de Luís Fernando Veríssimo.

- Se a escola dispor de biblioteca, sugere-se que os alunos possam visita-la com o intuito de pesquisar livros de crônica e, se possível, fazer empréstimos para realizar leituras em casa;
- Caso não haja a opção do tópico anterior, o professor pode disponibilizar livros de crônicas para que os alunos escolham e possam lê-los. Neste momento, pode haver também um rodízio de livros entre os alunos, de forma que todos possam ter contato com os livros.

2.3 Terceiro Momento

- O professor poderá fazer uma roda de conversa, pedindo para que os alunos comentem sobre as crônicas lidas, quer tenha sido no encontro anterior ou em casa;
- Levar crônicas para ler e conversar com os alunos, visando o aprimoramento da leitura e da interpretação textual. O professor pode solicitar que cada aluno leia um trecho;
- Fazer um revisão breve do conteúdo, porém geral, para em seguida realizar um Quiz com os alunos;
- Dividir a turma em dois grupos grandes para a realização do Quiz (Anexo 4), contendo, mais ou menos, 20 perguntas, sendo todas voltadas para o que foi estudado em sala de aula. Aqui, é importante que o professor explique bem o objetivo da atividade, mostrando que embora pareça uma competição, o intuito da atividade é outro: testar os conhecimentos obtidos;
- Após o Quiz, o professor entrega uma crônica fragmentada (Anexo 5), para que os alunos (em grupo) possam pôr o texto em ordem. Essa atividade permite que eles treinem a leitura, a interpretação e, ainda, a estrutura de uma crônica, tendo em vista elementos estudados.

2.4 Quarto Momento

- Este momento será destinado às produções textuais. O professor lerá a crônica *O homem nu*, de Fernando Sabino (Anexo 6), que trata de um acontecimento do cotidiano do narrador. A partir disso, solicitará que cada aluno pense em algum fato do seu cotidiano particular, lembre-se de alguma história que queira compartilhar, para que possa produzir uma crônica narrativa;

- Alguns alunos podem achar difícil produzir um texto. Portanto, para facilitar e mostrar a eles que não é tão difícil assim, o professor, munido de uma caixa ou um saco cheio de objetos diversos (imagens 2 e 3) pedirá que cada aluno pegue um objeto.

Imagens 2 e 3: Caixa com objetos diversos.

Após isso, o professor vai iniciar uma história e citar o objeto que ele tem em mãos. Em seguida, cada aluno continuará a história, lembrando sempre de mencionar o objeto que também têm em mãos. Na medida que cada aluno for falando, o professor pode ir anotando no computador para, posteriormente, projetar no datashow o texto completo e ler com a turma;

- O professor acompanhará cada aluno durante as produções individuais, orientando-os e corrigindo os textos.

2.5 Quinto Momento

Tendo recebido todos os textos dos alunos, o professor se responsabilizará por digitar ou escanear cada texto para uni-los e formar um livro, podendo ter como título "Nossa vida em crônicas". O livro será apresentado aos alunos e cada um, além de poder ter acesso, deixará a sua assinatura.

Caso a escola disponha de biblioteca, a sugestão seria de permitir que o livro possa fazer parte do acervo escolar.

3. AVALIAÇÃO

Observar as competências de leitura e escrita dos alunos, o desempenho e interesse nas atividades, as produções e resoluções das atividades propostas. Além disso, o professor pode agregar, também, autoavaliações. Isto é, solicitar que os alunos falem sobre seus aprendizados com a oficina.

ANEXOS DO CAPÍTULO II

ANEXO 1 – POEMA E CRÔNICA PARA CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1 Poema

O bicho – Manuel Bandeira

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

1.2 Crônica

Direitos dos burros
Machado de Assis

Ontem de manhã, indo ao jardim, como de costume, achei lá um burro. Não leram mal, não está errado (como na *Semana* passada, em que saiu Banco União, em vez de Banco Único); não, meus senhores, era um burro de carne e osso, de mais osso que carne. Ora, eu tenho rosas no jardim, rosas que cultivo com amor, e que me querem bem, que me saúdam todas as manhãs com os seus melhores cheiros, e dizem sem pudor coisas muito galantes sobre as delícias da vida, porque eu não consinto que as cortem do pé. Hão de morrer onde nasceram.

Vendo o burro naquele lugar, lembrei-me de Lucius, ou Lucius da Tessália, que, só com mastigar algumas rosas, passou outra vez de burro a gente. Estremeci, e, — confesso a minha ingratidão, — foi menos pela perda das rosas, que pelo terror do prodígio. Hipócrita, como me cumpria ser, saudei o burro com grandes reverências, e chamei-lhe Lucius. Ele abanou as orelhas, e retorquiu:

— Não me chamo Lucius.

Fiquei sem pinga de sangue; mas para não agravá-lo com demonstrações de espanto, que lhe seriam duras, disse:

— Não? Então o nome de Vossa Senhoria...?

— Também não tenho senhoria. Nomes só se dão a cavalos, e quase exclusivamente a cavalos de corrida. Não leu hoje telegramas de Londres, noticiando que nas corridas de Oaks venceram os cavalos Fulano e Sicrano? Não leu a mesma coisa quinta-feira, a respeito das corridas de Epsom? Burro de cidade, burro que puxa *bond* ou carroça não tem nome; na roça pode ser. Cavalo é tão adulado que, vencendo uma corrida na Inglaterra, manda-se-lhe o nome a todos os cantos da Terra. Não pense que fiz verso: às vezes saem-me rimas da boca, e podia achar editor para elas, se quisesse; irias não tendo ambições literárias. Falo rimado, porque falo poucas vezes, e atrapalho-me. Pois, sim senhor. E sabe de quem é o primeiro dos cavalos vencedores de Epsom, o que se chama Ladas? É do próprio chefe do governo, *lord* Roseberry, que ainda não há muito ganhou com ele dois mil guinéus.

— Quem é que lhe conta todas essas coisas inglesas?

— Quem? Ah! meu amigo, é justamente o que me traz a seus pés, disse o burro ajoelhando-se, mas levantando-se logo, a meu pedido. E continuou: Sei que o senhor se dá com gente de imprensa, e vim aqui para lhe pedir que interceda por mim e por uma classe inteira, que devia merecer alguma compaixão...

— Justiça, justiça, emendei eu com hipocrisia e servilismo.

— Vejo que me compreende. Ouça-me; serei breve. Em regra, só se devia ensinar aos burros a língua do país; mas o finado Greenough, o primeiro gerente que teve a companhia do Jardim Botânico, achou que devia mandar ensinar inglês aos burros dos *bonds*. Compreende-se o motivo do ato. Recém-chegado ao Rio de Janeiro, trazia mais vivo que nunca o amor da língua natal. Era natural crer que nenhuma outra cabia a todas as criaturas da Terra. Eu aprendi com facilidade...

— Como? Pois o senhor é contemporâneo da primeira gerência?

— Sim, senhor; eu e alguns mais. Somos já poucos, mas vamos trabalhando. Admira-me que se admire. Devia conhecer os animais de 1869 pela valente decrepitude com que, embora deitando a alma pela boca, puxamos os carros e os ossos. Há nisto um resto da disciplina, que nos deu a primeira educação. Apanhamos, é verdade, apanhamos de chicote, de ponta de pé, de ponta de rédea, de ponta de ferro, mas é só quando as poucas forças não acodem ao desejo; os burros modernos, esses são teimosos, resistem mais à pancadaria. Afinal, são moços.

Suspirou e continuou:

— No meio da tanta aflição, vale-nos a leitura, principalmente de folhas inglesas e americanas, quando algum passageiro as esquece no *bond*. Um deles esqueceu anteontem um número do *Pruth*. Conhece o *Pruth?*

— Conheço.

— É um periódico radical de Londres, continuou o burro, dando à força a notícia, como um simples homem. Radical e semanal. É escrito por um cidadão, que dizem ser deputado. O número era o último, chegadinho de fresco. Mal me levaram à manjedoura, ou coisa que o valha, folheei o periódico de Labouchère... Chamava-se Labouchère o redator. O periódico publica sempre em duas colunas, notícia comparativa das sentenças dadas pelos tribunais londrinos, com o fim de mostrar que os pobres e desamparados têm mais duras penas que os que o não são, e por atos de menor monta. Ora, que hei de ler no número chegado? Coisas destas. Um tal John Fearon Bell, convencido de maltratar quatro potros, não lhes dando suficiente comida e bebida, do que resultou morrer um e ficarem três em mísero estado, foi condenado a cinco libras de multa; ao lado desse vinha o caso de Fuão Thompson, que foi encontrado a dormir em um celeiro e condenado a um mês de cadeia. Outra comparação. Eliott, acusado de maltratar dezesseis bezerros, cinco libras de multa e custas. Mary Ellen Connor, acusada de vagabundagem, um mês de prisão. William Poppe, por não dar comida bastante a oito cavalos, cinco libras e custas. William Dudd, aprendiz de pescador, réu de desobediência, vinte e dois dias de prisão. Tudo mais assim. Um rapaz tirou um ovo de faisão de um ninho: quatorze dias de cadeia. Um senhor maltratou quatro vacas, cinco libras e custas.

— Realmente, disse eu sem grande convicção, a diferença é enorme...

— Ah! meu nobre amigo! Eu e os meus pedimos essa diferença, por maior que seja. Condenem a um mês ou a um ano os que tirarem ovos ou dormirem na rua; mas condenem a cinqüenta ou cem mil réis aqueles que nos maltratam por qualquer modo, ou não nos dando comida suficiente, ou, ao contrário, dando-nos excessiva pancada. Estamos prontos a apanhar, é o nosso destino, e eu já estou velho para aprender outro costume; mas seja com moderação, sem esse furor de cocheiros e carroceiros. O que o tal inglês acha pouco para punir os que são cruéis conosco, eu acho que é bastante. Quem é pobre não tem vícios. Não exijo cadeia para os nossos opressores, mas uma pequena multa e custas, creio que serão eficazes. O burro ama só a pele; o homem ama a pele e a bolsa. Dê-se-lhe na bolsa; talvez a nossa pele padeça menos.

— Farei o que puder; mas...

— Mas quê? O senhor afinal é da espécie humana, há de defender os seus. Ela, fale aos amigos da imprensa; ponha-se à frente de um grande movimento popular. O conselho municipal vai levantar um empréstimo, não? Diga-lhe que, se lançar uma pena pecuniária sobre os que maltratam burros, cobrirá cinco ou seis vezes o empréstimo, sem pagar juros, e ainda lhe sobrará dinheiro para o Teatro Municipal, e para teatros paroquiais, se quiser. Ainda uma vez, respeitável senhor, cuide um pouco de nós. Foram os homens que descobriram que nós éramos seus tios, senão diretos, por afinidade. Pois, meu caro sobrinho, é tempo de reconstituir a família. Não nos abandone, como no tempo em que os burros eram parceiros dos escravos. Faça o nosso *treze de Maio*. Lincoln dos teus maiores, segundo o evangelho de Darwin, expede a proclamação da nossa liberdade!

Não se imagina a eloqüência destas últimas palavras. Cheio de entusiasmo, prometi, pelo céu e pela terra, que faria tudo. Perguntei-lhe se lia o português com facilidade; e, respondendo-me que sim, disse-lhe que procurasse a *Gazeta* de hoje. Agradeceu-me com voz lacrimosa, fez um gesto de orelhas, e saiu do jardim vagarosamente, cai aqui, cai acolá.

10/06/1894

IN: ASSIS, Machado de. *Crônicas escolhidas de Machado de Assis.* Coleção Folha – Não dá pra não ler. São Paulo: Ática, 1994, pág. 99-103.

2.1 Crônica Humorística: *A quem tiver carro*, de Fernando Sabino

3
A quem tiver carro

O carro começou a ratear. Levei-o ao Pepe, ali na oficina da Rua Francisco Otaviano:

– Pepe, o carro está rateando.

Pepe piscou o olho:

– Entupimento na tubulação. Só pode ser.

Deixei o carro lá. À tarde fui buscar.

– Eu não dizia? Defeito na bomba de gasolina.

– Você dizia entupimento na tubulação.

– Botei um diafragma novo, mudei as válvulas.

Estendeu-me a conta: de meter medo. Mas paguei.

– O carro não vai me deixar na mão? Tenho de fazer uma viagem.

– Pode ir sem susto que agora está o fino.

Fui sem susto, a caminho de Itacoatiara. O fino! Nem bem chegara a Tribobó o carro engasgou, tossiu e morreu. Sorte a minha: mesmo em frente ao letreiro de "Gastão, o eletricista".

– Que diafragma coisa nenhuma, quem lhe disse isso? – e Gastão, o eletricista, um mulatão sorridente que consegui retirar das entranhas de um caminhão, ficou olhando o carro, mãos na cintura: – O senhor mexeu na bomba à toa: é o dínamo que está esquentando.

Molhou uma flanela e envolveu o dínamo carinhosamente, como a uma criança.

– Se tornar a falhar é só molhar o bichinho. Vai por mim, que aqui em Tribobó quem entende disso sou eu.

Nem em Tribobó: o carro não pegava de jeito nenhum.

– Então esse dínamo já deu o prego, tem de trocar por outro. Não pega de jeito nenhum.

Para desmenti-lo, o motor subitamente começou a funcionar.

– Vai morrer de novo – augurou ele, e voltou a aninhar-se no seu caminhão.

Resolvi regressar a Niterói. À entrada da cidade a profecia do capadócio se realizou: morreu de novo. Um chofer de caminhão me recomendou o mecânico Mundial, especialista em carburadores – ali mesmo, a dois quarteirões. Fui até lá e em pouco voltava seguido do Mundial, um velho compenetrado, arrastando a perna e as idéias:

– Pelo jeito é o carburador.

Olhou o interior do carro, deu uma risadinha irônica:

– É lógico que não pega! O dínamo está molhado!

Enxugou o dínamo com uma estopa: o carro pegou.

– Eu se fosse o senhor mandava fazer uma limpeza nesse carburador – insistiu ainda: – Vamos até lá na oficina...

Preferi ir embora. Perguntei quanto era.

– O senhor paga quanto quiser.

Já que eu insistia, houve por bem cobrar-me quanto ele quis.

Cheguei ao Rio e fui direto ao Haroldo, no Leblon, que me disseram ser um monstro no assunto:

– Carburador? – e o Haroldo não quis saber de conversa: – Isso é o platinado, vai por mim.

Cutucou o platinado com um ferrinho. Fui-me embora e o carro continuava se arrastando aos solavancos.

– O platinado está bom – me disse o Lourival, lá da Gávea: – Mas alguém andou mexendo aqui, o condensador não dá mais nada. O senhor tem de mudar o condensador.

Mudou o condensador e disse que não cobrava nada pelo serviço. Só pelo condensador.

No dia seguinte o carro se recusou a sair da garagem.

– Não é o diafragma, não é o carburador, não é o dínamo, não é o platinado, não é o condensador – queixei-me, deitando erudição na roda de amigos. Todos procuravam confortar-me:

– Então só pode ser a distribuição. O meu estava assim...

– Você já examinou a entrada de ar?

– Para mim você está com vela suja.

E recomendavam mecânicos de sua preferência:

– Tem uma oficina ali na Rua Bambina, de um velho amigo meu.

– Lá em São Cristóvão, procure o Borracha, diga que fui eu que mandei.

– O Urubu, ali do Posto 6, dá logo um jeito nisso.

Não procurei o Urubu, nem o Borracha, nem o Zé Pára-Lama; nem o Caolho dos Arcos, nem o Manquitola do Rio Comprido, nem o Manivela da Voluntários, nem o Belzebu dos Infernos: esqueci o automóvel e fui dormir. Pela minha imaginação desfilava um lúgubre cortejo de tipos grotescos, sujos de graxa, caolhos, pernetas, manetas, desdentados, encardidos, toda essa fauna de mecânicos improvisados que já tive de enfrentar, cuja perícia obedece apenas à instigação da curiosidade ou à inspiração do palpite, que é a mais brasileira das instituições.

Mas pela manhã me lembrei de um curso que se anuncia aconselhando: "Aprenda a sujar as mãos para não limpar o bolso." Resolvi sujar as mãos – e quem tiver ouvidos para

ouvir, ouça, quem tiver carro para guiar, entenda. Fui à garagem, abri o capô, e fiquei a olhar intensamente o motor do carro, fria e silenciosa a esfinge com seu enigma. Havia um fio solto, coloquei-o no lugar que me pareceu adequado. Mas não podia ser tão simples...

Era. Desde então, o carro passou a funcionar perfeitamente.

IN: SABINO, Fernando. "As melhores crônicas de Fernando Sabino". Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008. pág. 12-15.

2.2 Crônica Jornalística: *Vício Secreto*, de Moacir Scliar

FOLHA DE S.PAULO **cotidiano**

São Paulo, segunda, 5 de janeiro de 1998.

Texto Anterior | Próximo Texto | Índice

COTIDIANO IMAGINÁRIO

Vício secreto

MOACYR SCLIAR

Depois de vários assaltos, ela decidiu que estava na hora de mudar de vida. De nada adianta, dizia, andar de carro de luxo e morar em palacete se isso serve apenas para atrair assaltantes. De modo que comprou um automóvel usado, mudou-se para um apartamento menor e até começou a evitar os restaurantes da moda.

Tudo isso resultou em inesperada economia e criou um problema: o que fazer com o dinheiro que ela já não gastava? Aplicar na Bolsa de Valores parecia-lhe uma solução temerária; não poucos tinham perdido muito dinheiro de uma hora para outra -quase como se fosse um assalto. Outras aplicações também não a atraíam. De modo que passou a comprar aquilo de que mais gostava: jóias. Sobretudo relógios caros. Multiplicavam-se os Bulgan, os Breitling, os Rolex. Já que o tempo tem de passar, dizia, quero vê-lo passar num relógio de luxo.

E aí veio a questão; onde usar todas essas jóias? Na rua, nem pensar. Em festas? Tanta gente desconhecida vai a festas, não seria impossível que ali também houvesse um assaltante, ou pelo menos alguém capaz de ser tentado a um roubo ao ter a visão de um Breitling. Sua paranóia cresceu, e lá pelas tantas desconfiava até de seus familiares. De modo que decidiu: só usa as jóias quando está absolutamente só.

Uma vez por semana tranca-se no quarto, abre o cofre, tira as jóias e as vai colocando: os colares, os anéis, os braceletes - os relógios, claro, os relógios. E admira-se longamente no espelho, murmurando: que tesouros eu tenho, que tesouros. O que lhe dá muito prazer. Melhor: lhe dava muito prazer. Porque ultimamente há algo que a incomoda. É o olhar no rosto que vê no espelho. Há uma expressão naquele olhar, uma expressão de sinistra cobiça que não lhe agrada nada, nada.

O escritor **Moacyr Scliar** escreve às segundas-feiras, nesta coluna, um texto de ficção baseado em notícias publicadas no jornal

SCLIAR, Moacyr. Vício Secreto. Folha de São Paulo, São Paulo, 05 de janeiro de 1998. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff050115.htm Acesso em: 03 jul. 2020.

Machado de Assis

22 de agosto de 1889

Quem nunca invejou, não sabe o que é padecer. Eu sou uma lástima. Não posso ver uma roupinha melhor em outra pessoa, que não sinta o dente da inveja morder-me as entranhas. É uma comoção tão ruim, tão triste, tão profunda, que dá vontade de matar. Não há remédio para esta doença. Eu procuro distrair-me nas ocasiões; como não posso falar, entro a contar os pingos de chuva, se chove ou os basbaques que andam pela rua, se faz sol; mas não passo de algumas dezenas. O pensamento não me deixa ir avante. A roupinha melhor faz-me foscas, a cara do dono faz-me caretas...

Foi o que me aconteceu, depois da última vez que estive aqui. Há dias, pegando numa folha da manhã, li uma lista de candidaturas para deputados por Minas, com seus comentos e prognósticos. Chego a um dos distritos, não me lembra qual o nome da pessoa, e que hei de ler? Que o candidato era apresentado pelos três partidos, liberal, conservador e republicano.

A primeira coisa que senti, foi uma vertigem. Depois, vi amarelo. Depois, não vi mais nada. As entranhas doíam-me, como se um facão as rasgasse, a boca tinha um sabor de fel, e nunca mais pude encarar as linhas da notícia. Rasguei afinal a folha, e perdi os dois itens, mas eu estava pronto a perder dois milhões, contando que aquilo fosse comigo.

Upa! Que caso único. Todos os partidos armados uns contra os outros no resto do império, naquele ponto uniam-se e depositavam sobre a cabeça de um homem os seus princípios. Não faltará quem ache tremenda a responsabilidade do eleito, - porque a eleição, em tais circunstâncias, é certa; cá para mim é exatamente o contrário. Dêem-me dessas responsabilidades, e verão se me saio delas sem demora, logo na discussão do voto de graças.

— Trazido a esta Câmara (diria eu) nos paveses de gregos e troianos, e não só dos gregos que amam o colérico Aquiles, filho de Peleu, como dos que estão com Agamenon, chefe dos chefes, posso exultar mais que nenhum outro, porque nenhum outro é, como eu, a unidade nacional. Vós representais os vários membros do corpo; eu sou o corpo inteiro, completo. Disforme, não; não monstro de Horácio, por quê? Vou dizê-lo.

E diria então que ser conservador era ser essencialmente liberal, e que no uso da liberdade, no seu desenvolvimento, nas suas mais amplas reformas, estava a melhor conservação. Vede uma floresta! (exclamaria, levantando os braços). Que potente liberdade! E que ordem segura! A natureza, liberal e pródiga na produção é conservadora por excelência na harmonia em que

aquela vertigem de troncos, folhas e cipós, em que aquela passarada estrídula, se une para formar a floresta. Que exemplo às sociedades! Que lição aos partidos!

O mais difícil parece que era a união dos princípios monárquicos e dos princípios republicanos; puro engano. Eu diria: 1.°, que jamais consentiria que nenhuma das duas formas de governo se sacrificasse por mim; eu é que era por ambas; 2.°, que considerava tão necessária uma como outra, não dependendo tudo senão dos termos, assim podíamos ter na monarquia a república coroada, enquanto que a república podia ser a liberdade no trono, etc., etc.

Nem todos concordariam comigo; creio até que ninguém, ou concordariam todos, mas cada um com uma parte. Sim, o acordo pleno das opiniões só uma vez se deu abaixo do sol, há muitos anos, e foi na assembléia provincial do Rio de Janeiro. Orava um deputado cujo nome absolutamente me esqueceu, como o de dous, um liberal, outro conservador, que virgulavam o discurso com apartes, - os mesmos apartes. A questão era simples.

O orador, que era novo, expunha as suas idéias políticas. Dizia que opinava por isso ou por aquilo. Um dos apartistas acudia: é liberal. Redargüía o outro: é conservador. Tinha o orador mais este e aquele propósito. É conservador, dizia o segundo, é liberal, teimava o primeiro. Em tais condições, prosseguia o novato, é meu intuito seguir este caminho. Redargüía o liberal: é liberal; e o conservador: é conservador. Durou este divertimento três quartos de colunas do jornal do Comércio. Eu guardei um exemplar da folha para acudir às minhas melancolias, mas perdi-o numa das mudanças de casa.

Oh! Não mudeis de casa! Mudai de roupa, mudai de fortuna, de amigos, de opinião, de criados, mudai de tudo, mas não mudeis de casa!

Boas noites.

2.4 Crônica Narrativa: *No restaurante*, de Carlos Drummond de Andrade

No restaurante
Carlos Drummond de Andrade

– Quero lasanha.

Aquele anteprojeto de mulher - quatro anos, no máximo, desabrochando na ultraminissaia – entrou decidido no restaurante. Não precisava de menu, não precisava de mesa, não precisava de nada. Sabia perfeitamente o que queria. Queria lasanha. O pai, que mal acabara de estacionar o carro em uma vaga de milagre, apareceu para dirigir a operação-jantar, que é, ou era, da competência dos senhores pais.

– Meu bem, venha cá.

– Quero lasanha.

– Escute aqui, querida. Primeiro, escolhe-se a mesa.

– Não, já escolhi. Lasanha.

Que parada – lia-se na cara do pai. Relutante a garotinha condescendeu em sentar-se primeiro, e depois encomendar o prato:

– Vou querer lasanha.

– Filhinha, por que não pedimos camarão? Você gosta tanto de camarão.

– Gosto, mas quero lasanha.

– Eu sei, eu sei que você adora camarão. A gente pede uma fritada bem bacana de camarão. Tá?

– Quero lasanha, papai. Não quero camarão.

– Vamos fazer uma coisa. Depois do camarão a gente traça uma lasanha. Que tal?

– Você come o camarão e eu como lasanha.

O garçom aproximou-se, e ela foi logo instruindo:

– Quero lasanha.

O pai corrigiu:

– Traga uma fritada de camarão pra dois. Caprichada.

A coisinha amuou. Então não podia querer? Queriam querer em nome dela? Por que é proibido comer lasanha? Essas interrogações apenas se liam no seu rosto, pois os lábios mantinham reserva. Quando o garçom voltou com os pratos e o serviço, ela atacou:

– Moço, tem lasanha?

– Perfeitamente, senhorita.

O pai, no contra-ataque:

– O senhor providenciou a fritada?

– Já sim, doutor.

– De camarões bem grandes?

– Daqueles legais, doutor.

– Bem, então me vê um chinite, e para ela... O que é que você quer, meu anjo?

– Uma lasanha.

– Traz um suco de laranja para ela.

Com o chopinho e o suco de laranja, veio a famosa fritada de camarão, que, para a surpresa do restaurante inteiro, interessado no desenrolar dos acontecimentos, não foi recusada pela senhorita. Ao contrário, papou-a, e bem. A silenciosa manducação atestava, ainda uma vez, no mundo, a vitória do mais forte.

– Estava uma coisa, hem? - comentou o pai, com um sorriso bem alimentado - Sábado que vem, a gente repete... Combinado?

– Agora a lasanha, não é, papai?

– Eu estou satisfeito. Uns camarões tão geniais! Mas você vai comer, mesmo?

– Eu e você, tá?

– Meu amor, eu...

– Tem de me acompanhar, ouviu? Pede a lasanha.

O pai baixou a cabeça, chamou o garçom, pediu. Aí, um casal, na mesa vizinha, bateu palmas. O resto da sala acompanhou. O pai não sabia onde se meter. A garotinha, impassível. Se, na conjuntura, o poder jovem cambaleia, vem aí, com força total, o poder ultrajovem.

Texto extraído do livro "O poder ultra jovem", Ed. José Olympio – Rio de Janeiro, 1972, pág. 3.

ANEXO 3 – CRÔNICAS E BIOGRAFIAS DOS AUTORES

3.1 Crônica de Luís Fernando Veríssimo

Exigências da vida moderna

Dizem que todos os dias você deve comer uma maçã por causa do ferro.

E uma banana pelo potássio.

E também uma laranja pela vitamina C. Uma xícara de chá verde sem açúcar para prevenir a diabetes.

Todos os dias deve-se tomar ao menos dois litros de água. E uriná-los, o que consome o dobro do tempo.

Todos os dias deve-se tomar um Yakult pelos lactobacilos (que ninguém sabe bem o que é, mas que aos bilhões, ajudam a digestão). Cada dia uma Aspirina, previne infarto. Uma taça de vinho tinto também. Uma de vinho branco estabiliza o sistema nervoso. Um copo de cerveja, para... não lembro bem para o que, mas faz bem. O benefício adicional é que se você tomar tudo isso ao mesmo tempo e tiver um derrame, nem vai perceber.

Todos os dias deve-se comer fibra. Muita, muitíssima fibra. Fibra suficiente para fazer um pulôver.

Você deve fazer entre quatro e seis refeições leves diariamente. E nunca se esqueça de mastigar pelo menos cem vezes cada garfada. Só para comer, serão cerca de cinco horas do dia...

E não esqueça de escovar os dentes depois de comer. Ou seja, você tem que escovar os dentes depois da maçã, da banana, da laranja, das seis refeições e enquanto tiver dentes, passar fio dental, massagear a gengiva, escovar a língua e bochechar com Plax. Melhor, inclusive, ampliar o banheiro e aproveitar para colocar um equipamento de som, porque entre a água, a fibra e os dentes, você vai passar ali várias horas por dia.

Há que se dormir oito horas por noite e trabalhar outras oito por dia, mais as cinco comendo são vinte e uma.

Sobram três, desde que você não pegue trânsito. As estatísticas comprovam que assistimos três horas de TV por dia. Menos você, porque todos

os dias você vai caminhar ao menos meia hora (por experiência própria, após quinze minutos dê meia volta e comece a voltar, ou a meia hora vira uma).

E você deve cuidar das amizades, porque são como uma planta: devem ser regadas diariamente, o que me faz pensar em quem vai cuidar delas quando eu estiver viajando.

Deve-se estar bem informado também, lendo dois ou três jornais por dia para comparar as informações.

Ah! E o sexo! Todos os dias, tomando o cuidado de não se cair na rotina. Há que ser criativo, inovador para renovar a sedução. Isso leva tempo - e nem estou falando de sexo tântrico.

Também precisa sobrar tempo para varrer, passar, lavar roupa, pratos e espero que você não tenha um bichinho de estimação. Na minha conta são 29 horas por dia

A única solução que me ocorre é fazer várias dessas coisas ao mesmo tempo! Por exemplo, tomar banho frio com a boca aberta, assim você toma água e escova os dentes. Chame os amigos junto com os seus pais. Beba o vinho, coma a maçã e a banana junto com a sua mulher... na sua cama.

Ainda bem que somos crescidinhos, senão ainda teria um Danoninho e se sobrarem 5 minutos, uma colherada de leite de magnésio.

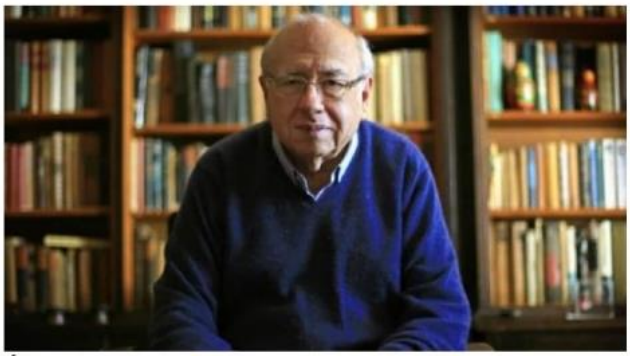
Agora tenho que ir.

É o meio do dia, e depois da cerveja, do vinho e da maçã, tenho que ir ao banheiro.

E já que vou, levo um jornal... Tchau!

Viva a vida com bom humor!!!

BIOGRAFIA DO AUTOR



Luís Fernando Verissimo é um escritor brasileiro. Famoso por suas crônicas e contos de humor, é também jornalista, tradutor, roteirista de programas para televisão e músico. É filho do escritor Érico Verissimo. Nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no dia 26 de setembro de 1936.

Em 1962 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como tradutor e redator publicitário. Em 1963 casou-se com a carioca Lúcia Helena Massa, com quem teve três filhos.

Em 1967, retornou para Porto Alegre e ingressou no jornal Zero Hora, trabalhando como revisor de textos. A partir de 1969 passou a assinar sua própria coluna diária. No mesmo ano começou a redigir para a agência de publicidade MPM Propaganda.

Entre 1970 e 1975 trabalhou no jornal Folha da Manhã, escrevendo sobre esporte, música, cinema, literatura e política. Seus contos eram sempre bem humorados.

Em 1973, Luis Fernando Verissimo publicou *O Popular*, uma coletânea de textos já publicados nos jornais onde trabalhou. Em 1975, retornou ao jornal Zero Hora e passou também a escrever para o Jornal do Brasil. Nesse mesmo ano publicou *A Grande Mulher Nua*.

Em 1979 publica *Ed Mort e Outras Histórias*, livro de crônicas, cujo personagem viria a ser um dos mais populares de sua obra. Entre 1980 e 1981 morou em Nova Iorque, época em que escreveu *Traçando Nova Iorque*.

Em 1981, Luis Fernando Verissimo lança, na Feira do Livro de Porto Alegre, o livro de crônicas *O Analista de Bagé*, que se esgotou em dois dias.

Entre 1982 e 1989, foi redator semanal, com artigos bem humorados, para a revista Veja. Em 1994 publica *Comédias da Vida Privada*, que foi adaptada para uma minissérie na televisão.

3.2 Crônica e biografia de Fernando Sabino

Hora de Dormir

— Por que não posso ficar vendo televisão?

— Porque você tem de dormir.

— Por quê?

— Porque está na hora, ora essa.

— Hora essa?

— Além do mais, isso não é programa para menino.

— Por quê?

— Porque é assunto de gente grande, que você não entende.

— Estou entendendo tudo.

— Mas não serve para você. É impróprio.

— Vai ter mulher pelada?

— Que bobagem é essa? Ande, vá dormir que você tem colégio amanhã cedo.

— Todo dia eu tenho.

— Está bem, todo dia você tem. Agora desligue isso e vá dormir.

— Espera um pouquinho.

— Não espero não.

— Você vai ficar aí vendo e eu não vou.

— Fico vendo não, pode desligar. Tenho horror de televisão. Vamos, obedeça a seu pai.

— Os outros meninos todos dormem tarde, só eu que durmo cedo.

— Não tenho nada ver com os outros meninos: tenho que ver com meu filho. Já para a cama.

— Também eu vou para a cama e não durmo, pronto. Fico acordado a noite toda.

— Não comece com coisa não, que eu perco a paciência.

— Pode perder.

— Deixe de ser malcriado.

— Você mesmo que me criou.

— O quê? Isso é maneira de falar com seu pai?

— Falo como quiser, pronto.

— Não fique respondendo não: cale essa boca.

— Não calo. A boca é minha.

— Olha que eu ponho de castigo.

— Pode pôr.

— Venha cá! Se der mais um pio, vai levar umas palmadas.

— ...

— Quem é que anda ensinando esses modos? Você está ficando é muito insolente.

— Ficando o quê?

— Atrevido, malcriado. Eu com sua idade já sabia obedecer. Quando é que eu teria coragem de responder a meu pai como você faz. Ele me descia o braço, não tinha conversa. Eu porque sou muito mole, você fica abusando... Quando ele falava está na hora de dormir, estava na hora de dormir.

— Naquele tempo não tinha televisão.

— Mas tinha outras coisas.

— Que outras coisas?

— Ora, deixe de conversa. Vamos desligar esse negócio. Pronto, acabou-se. Agora é tratar de dormir.

— Chato.

— Tome, para você aprender. E amanhã fica de castigo, está ouvindo? Para aprender a ter respeito a seu pai.

—...

— E não adianta ficar aí chorando feito bobo. Venha cá.

— Amanhã eu não vou ao colégio.

— Vai sim senhor. E não adianta ficar fazendo essa carinha, não pense que me comove. Anda, venha cá.

— Você me bateu...

— Bati porque você mereceu. Já acabou, pare de chorar. Foi de leve, não doeu nem nada. Peça perdão a seu pai e vá dormir.

—...

— Por que você é assim, meu filho? Só para me aborrecer. Sou tão bom para você, você não reconhece. Faço tudo que você me pede, os maiores sacrifícios. Todo dia trago para você uma coisa da rua. Trabalho o dia todo por sua causa

mesmo, e quando chego em casa para descansar um pouco, você vem com essas coisas. Então é assim que se faz?

—...

— Então você não tem pena do seu pai? Vamos! Tome a bênção e vá dormir.

— Papai.

— Que é?

— Me desculpe.

— Está desculpado. Deus te abençoe. Agora vai.

— Por que não posso ficar vendo televisão?

BIOGRAFIA DO AUTOR

Fernando Sabino (1923-2004) foi um escritor, jornalista e editor brasileiro. Recebeu diversos prêmios, entre eles, o Prêmio Jabuti pelo livro "O Grande Mentecapto" e o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras. Foi condecorado com a Ordem do Rio Branco, no grau de Grã-Cruz, pelo governo brasileiro.

Fernando Tavares Sabino nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, no dia 12 de outubro de 1923.

Em 1936, Fernando Sabino tem seu primeiro conto policial publicado na revista "Argus", da Secretaria de Segurança de Minas Gerais. Em 1938, ajuda a fundar um jornal "A Inúbia", no Ginásio Mineiro.

Fernando Sabino começou a colaborar regularmente com artigos, crônicas e contos nas revistas "Alterosas" e "Belo Horizonte". Em 1941 inicia o curso superior na Faculdade de Direito de Minas Gerais.

Nesse mesmo ano reúne seus primeiros contos no livro *Os Grilos não Cantam Mais.* Colabora com o jornal literário do Rio, "Dom Casmurro", com a revista "Vamos Ler" e com o "Anuário Brasileiro de Literatura".

Em 1956, Fernando Sabino publica o romance "O Encontro Marcado", um grande sucesso de crítica e de público, além de adaptações teatrais no Rio e em São Paulo. Em 1959 comparece ao lançamento do livro em Lisboa. Em 1962 o livro é publicado na Alemanha.

Encontro Marcado é uma narrativa longa que conta a história de um jovem em desesperada procura de si mesmo e da verdadeira razão de sua vida. A obra leva o leitor a passear pelas ruas de Belo Horizonte conhecendo um pouco das gerações que por elas passaram e marcaram a cidade.

Em 1979, conclui o romance *O Grande Mentecapto*, que havia iniciado há 33 anos. Recebe o Prêmio Jabuti pela obra.

Recebe o Prêmio Golfinho de Ouro na categoria de Literatura, concedido pelos Conselhos Estaduais de Educação e Cultura do Rio de Janeiro.

Em 1985, é condecorado com a Ordem do Rio Branco no grau de Grã-Cruz pelo governo brasileiro.

Em 1989, o filme O Grande Mentecapto é premiado no Festival Internacional de Gramado.

3.3 Crônica e biografia de Marina Colasanti

Eu sei, mas não devia

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.

A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplidão.

A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora. A tomar o café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem. A comer sanduíche porque não dá para almoçar. A sair do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.

A gente se acostuma a abrir o jornal e a ler sobre a guerra. E, aceitando a guerra, aceita os mortos e que haja números para os mortos. E, aceitando os números, aceita não acreditar nas negociações de paz. E, não acreditando nas negociações de paz, aceita ler todo dia da guerra, dos números, da longa duração.

A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir no telefone: hoje não posso ir. A sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta. A ser ignorado quando precisava tanto ser visto.

A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar. E a ganhar menos do que precisa. E a fazer fila para pagar. E a pagar mais do que as coisas valem. E a saber que cada vez pagar mais. E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com que pagar nas filas em que se cobra.

A gente se acostuma a andar na rua e ver cartazes. A abrir as revistas e ver anúncios. A ligar a televisão e assistir a comerciais. A ir ao cinema e engolir publicidade. A ser instigado, conduzido, desnorteado, lançado na infindável catarata dos produtos.

A gente se acostuma à poluição. Às salas fechadas de ar condicionado e cheiro de cigarro. À luz artificial de ligeiro tremor. Ao choque que os olhos levam na luz natural. Às bactérias da água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios. Se acostuma a não ouvir passarinho, a não ter galo de madrugada, a temer a hidrofobia dos cães, a não colher fruta no pé, a não ter sequer uma planta.

A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente molha só os pés e sua no resto do corpo. Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana. E se no fim de semana não há muito o que fazer a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado.

A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma.

O texto acima foi extraído do livro "Eu sei, mas não devia", Editora Rocco - Rio de Janeiro, 1996, pág. 09.

BIOGRAFIA DA AUTORA

Marina Colasanti nasceu na cidade de Asmara, capital da Eritréia, na África, no dia 26 de setembro de 1937. Morou em Trípoli, na Líbia e depois na Itália. Em 1948 veio para o Brasil, instalando-se no Rio de Janeiro. Formou-se em Artes Plásticas.

Marina Colasanti exerceu várias atividades na televisão, foi entrevistadora do programa Sexo Indiscreto, na TV Rio, entrevistadora do programa Olho por Olho, na TV

Tupi, editora e apresentadora do noticiário Primeira Mão, na TV Rio, apresentadora e redatora do programa cultural Os Mágicos, na TVE, foi âncora do programa cinematográfico Sábado Forte, na TVE e âncora do programa Imagens da Itália, na TVE, patrocinado pelo Instituto Italiano de Cultura.

É autora de mais de 50 títulos publicados no Brasil e no exterior, é uma das mais premiadas escritoras brasileiras. Entre eles destacam-se: diversos Prêmios Jabuti da Câmara Brasileira do Livro – 1993 – "Entre a Espada e a Rosa", 1994 – "Rota de Colisão", 1994 – "Ana Z, Aonde Vai Você?", 1997 – "Eu Sei Mas Não Devia", 2010 – "Passageira Em Trânsito", 2011 – "Antes de Virar Gigante" e 2014 – "Breve História de Um Pequeno Amor". Foi também premiada diversas vezes pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Em 2011 recebeu o Prêmio Portugal Telecom de Literatura – 3º lugar, com "Minha Guerra Alheia".

Escreve, também, para revistas femininas e constantemente é convidada para cursos e palestras em todo o Brasil.

3.4 Crônica e Biografia de Clarice Lispector

Eu tomo conta do mundo

Sou uma pessoa muito ocupada: tomo conta do mundo. Todos os dias olho pelo terraço para o pedaço de praia com mar, e vejo às vezes que as espumas parecem mais brancas e que às vezes durante a noite as águas avançaram inquietas, vejo isso pela marca que as ondas deixaram na areia. Olho as amendoeiras de minha rua. Presto atenção se o céu de noite, antes de eu dormir e tomar conta do mundo em forma de sonho, se o céu de noite está estrelado e azul-marinho, porque em certas noites em vez de negro parece azul-marinho.

O cosmos me dá muito trabalho, sobretudo porque vejo que Deus é o cosmos. Disso eu tomo conta com alguma relutância.

Observo o menino de uns dez anos, vestido de trapos e macérrimo. Terá futura tuberculose, se é que já não a tem.

No Jardim Botânico, então, eu fico exaurida, tenho que tomar conta com o olhar das mil plantas e árvores, e sobretudo das vitórias-régias.

Que se repare que não menciono nenhuma vez as minhas impressões emotivas: lucidamente apenas falo de algumas das milhares de coisas e pessoas de quem eu tomo conta. Também não se trata de um emprego pois dinheiro não ganho por isso. Fico apenas sabendo como é o mundo.

Se tomar conta do mundo dá trabalho? Sim. E lembro-me de um rosto terrivelmente inexpressível de uma mulher que vi na rua. Tomo conta dos milhares de favelados pelas encostas acima. Observo em mim mesma as mudanças de estação: eu claramente mudo com elas.

Hão de me perguntar por que tomo conta do mundo: é que nasci assim, incumbida. E sou responsável por tudo o que existe, inclusive pelas guerras e pelos crimes de lesa-corpo e lesa-alma. Sou inclusive responsável pelo Deus que está em constante cósmica evolução para melhor.

Tomo desde criança conta de uma fileira de formigas: elas andam em fila indiana carregando um pedacinho de folha, o que não impede que cada uma, encontrando uma fila de formigas que venha de direção oposta, pare para dizer alguma coisa às outras.

Li o livro célebre sobre as abelhas, e tomei desde então conta das abelhas, sobretudo da rainha-mãe. As abelhas voam e lidam com flores: isto eu

constatei. Mas as formigas têm uma cintura muito fininha. Nela, pequena, como é, cabe todo um mundo que, se eu não tomar cuidado, me escapa: senso instintivo de organização, linguagem para além do supersônico aos nossos ouvidos, e provavelmente para sentimentos instintivos de amor-sentimento, já que falam. Tomei muita coisa das formigas quando era pequena, e agora, que eu queria tanto poder revê-las, não encontro uma. Que não houve matança delas, eu sei porque se tivesse havido eu já teria sabido.

Tomar conta do mundo exige também muita paciência: tenho que esperar pelo dia em que me apareça uma formiga. Paciência: observar as flores imperceptivelmente e lentamente se abrindo.

Só não encontrei ainda a quem prestar contas.

– Clarice Lispector, do livro "Aprendendo a viver". Rio de Janeiro: editora Rocco, 2004. [Crônica de Clarice Lispector, publicada originalmente no 'Jornal do Brasil, 4 de março de 1970]

BIOGRAFIA DA AUTORA

Clarice Lispector (1920-1977) foi uma das maiores escritoras da literatura brasileira e criou obras-primas como *A Hora da Estrela, A Paixão Segundo G.H.* e *Laços de Família*.

Clarice Lispector nasceu em Tchetchelnik, na Ucrânia, no dia 10 de dezembro de 1920. Em 1929, mudou-se com a família para a cidade do Recife onde passou sua infância no Bairro da Boa Vista.

Com 9 anos ficou órfã de mãe. Terminou o primário e ingressou no Ginásio Pernambucano, o melhor colégio público da cidade. Com 12 anos, Clarice mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, indo morar no Bairro da Tijuca. Ingressou no Colégio Sílvio Leite, onde era frequentadora assídua da biblioteca.

Em 1943 casa-se com o amigo de turma Maury Gurgel Valente. Nesse mesmo ano, termina o romance *Perto do Coração Selvagem*, que retrata uma visão interiorizada do mundo da adolescência.

Em 1944 publica o livro que teve calorosa acolhida da crítica, recebendo o Prêmio Graça Aranha.

Em 1959, Clarice se separa do marido e retorna ao Rio de Janeiro, acompanhada de seus filhos. Logo começa a trabalhar no Jornal Correio da Manhã, assumindo a coluna "Correio Feminino".

Em 1967 publica *O Mistério do Coelhinho Pensante*. Nesse mesmo ano, Clarice Lispector sofre várias queimaduras no corpo e na mão direita enquanto dormia com um cigarro aceso. Passou por várias cirurgias e viveu isolada, sempre escrevendo. No ano seguinte publica crônicas no Jornal do Brasil.

Passa a integrar o Conselho Consultivo do Instituto Nacional do Livro. Era considerada uma “pessoa difícil”. Em 1976, *pelo conjunto de sua obra, Clarice ganhou o primeiro prêmio do X Concurso Literário Nacional de Brasília.*

Em 1977 Clarice Lispector escreveu *Hora da Estrela*, sua última obra publicada em vida, onde conta a história de Macabea, uma moça do interior em busca de sobreviver na cidade grande.

Clarice Lispector faleceu no Rio de Janeiro, no dia 9 de dezembro de 1977, um dia antes de seu aniversário. Seu corpo foi sepultado no cemitério Israelita do Caju.

ANEXO 4 – QUIZ

O jogo funciona da seguinte forma:

- O professor divide a turma em dois grandes grupos, ou em quatro grupos, como preferir;
- O professor preparará 20 papeis, numerados de 1 a 20, referindo-se à quantidade de questões;
- Se a turma tiver sido dividida em dois grupos, cada um sorteará 10 papeis. Caso sejam quatro grupos, cada um sorteará cinco papeis;
- O professor sorteará qual grupo começará a responder as questões. Suponhamos que o grupo 2 foi sorteado para iniciar, o professor pedirá que informem o número de algum dos papeis. Em seguida, o professor fará a pergunta referente ao número. Caso o grupo não saiba responder, o grupo seguinte terá uma chance de responder, assim sucessivamente.

Obs.: A seguir, têm-se algumas sugestões de questões para o Quiz, podendo o professor utilizá-las ou adaptá-las de acordo com os conteúdos trabalhados em sala de aula.

PERGUNTAS

1) O que é crônica?
2) Cite pelo menos três tipos de crônica.
3) Cite os nomes de três cronistas.
4) Quem é o autor da crônica intitulada “Direito dos burros”?
5) Cite três elementos que compõem uma crônica.
6) Qual é a função de uma crônica jornalística?
7) Dos elementos a seguir, qual não faz parte da estrutura de uma crônica: tempo, espaço, personagens, narrador, moral da história.
8) É possível que uma crônica seja humorística e narrativa ao mesmo tempo? Explique sua resposta.
9) A palavra “Crônica” tem origem grega, vindo da palavra “khrónos” que significa o que?
10) Qual é a função das crônicas em jornais?

11) É correto afirmar que crônica é um tipo de texto que se caracteriza por envolver um remetente e um destinatário, e geralmente é escrito em primeira pessoa? Por quê?
12) Onde costumam ser veiculadas as crônicas?
13) O trecho a seguir pode ser considerado que tipo de crônica?

"Outros fatores contribuem diretamente para dificultar a adaptação do calouro à universidade. A desinformação é um desses fatores: a grande maioria dos jovens desconhece não só as atividades básicas da profissão que escolheu – ou que escolheram por ele – como também o currículo mínimo necessário à sua formação" (Revista Veja).

14) Qual é o assunto da crônica "O lixo", de Luís Fernando Veríssimo, estudada em sala de aula?
15) Dentre as características de crônica a seguir, qual podemos descartar por não fazer parte do gênero: uma narrativa de fatos curiosos; uma descrição de cenas interessantes; um comentário apenas de fatos do momento;
16) Por que podemos dizer que as crônicas têm vidas curtas?
17) O que significa dizer que o texto apresenta uma ordem cronológica?
18) A moral da história consiste em um elemento da crônica?
19) Por que a crônica facilita a aproximação do leitor?
20) Explique a frase "O cronista é o poeta dos acontecimentos diários".

ANEXO 5 – CRÔNICA FRAGMENTADA

A seguir, tem-se a crônica *Notícia de Jornal*, de Fernando Sabino, fragmentada. As partes do texto deverão ser recortadas e embaralhadas para que os alunos colem em uma outra folha a crônica na ordem que julgarem correta.

E ontem, depois de setenta e duas horas de inanição em plena rua, no centro mais movimentado da cidade do Rio de Janeiro, um homem morreu de fome.
Não é de alçada do comissário, nem do hospital, nem da radiopatrulha, por que haveria de ser da minha alçada? Que é que eu tenho com isso? Deixa o homem morrer de fome.
Morreu de fome.
O corpo do homem que morreu de fome foi recolhido ao Instituto Médico Legal sem ser identificado. Nada se sabe dele, senão que morreu de fome. Um homem morre de fome em plena rua, entre centenas de passantes. Um homem caído na rua. Um bêbado. Um vagabundo. Um mendigo, um anormal, um tarado, um pária, um marginal, um proscrito, um bicho, uma coisa – não é homem. E os outros homens cumprem deu destino de passantes, que é o de passar. Durante setenta e duas horas todos passam, ao lado do homem que morre de fome, com um olhar de nojo, desdém, inquietação e até mesmo piedade, ou sem olhar nenhum, e o homem continua morrendo de fome, sozinho, isolado, perdido entre os homens, sem socorro e sem perdão.
Notícia de Jornal Fernando Sabino
E o homem morre de fome. De trinta anos presumíveis. Pobremente vestido. Morreu de fome, diz o jornal. Louve-se a insistência dos comerciantes, que jamais morrerão de fome, pedindo providências às autoridades. As autoridades nada mais puderam fazer senão remover o corpo do homem.

Deviam deixar que apodrecesse, para escarmento dos outros homens. Nada mais puderam fazer senão esperar que morresse de fome.
Leio no jornal a notícia de que um homem morreu de fome. Um homem de cor branca, trinta anos presumíveis, pobremente vestido, morreu de fome, sem socorros, em pleno centro da cidade, permanecendo deitado na calçada durante setenta e duas horas, para finalmente morrer de fome.
Um homem que morreu de fome. O comissário de plantão (um homem) afirmou que o caso (morrer de fome) era alçada da Delegacia de Mendicância, especialista em homens que morrem de fome. E o homem morreu de fome.
Morreu de fome. Depois de insistentes pedidos de comerciantes, uma ambulância do Pronto Socorro e uma radiopatrulha foram ao local, mas regressaram sem prestar auxílio ao homem, que acabou morrendo de fome.

Ordem correta da crônica:

Notícia de Jornal

Fernando Sabino

Leio no jornal a notícia de que um homem morreu de fome. Um homem de cor branca, trinta anos presumíveis, pobremente vestido, morreu de fome, sem socorros, em pleno centro da cidade, permanecendo deitado na calçada durante setenta e duas horas, para finalmente morrer de fome.

Morreu de fome. Depois de insistentes pedidos de comerciantes, uma ambulância do Pronto Socorro e uma radiopatrulha foram ao local, mas regressaram sem prestar auxílio ao homem, que acabou morrendo de fome.

Um homem que morreu de fome. O comissário de plantão (um homem) afirmou que o caso (morrer de fome) era alçada da Delegacia de Mendicância, especialista em homens que morrem de fome. E o homem morreu de fome.

O corpo do homem que morreu de fome foi recolhido ao Instituto Médico Legal sem ser identificado. Nada se sabe dele, senão que morreu de fome. Um homem morre de fome em plena rua, entre centenas de passantes. Um homem

caído na rua. Um bêbado. Um vagabundo. Um mendigo, um anormal, um tarado, um pária, um marginal, um proscrito, um bicho, uma coisa – não é homem. E os outros homens cumprem deu destino de passantes, que é o de passar. Durante setenta e duas horas todos passam, ao lado do homem que morre de fome, com um olhar de nojo, desdém, inquietação e até mesmo piedade, ou sem olhar nenhum, e o homem continua morrendo de fome, sozinho, isolado, perdido entre os homens, sem socorro e sem perdão.

Não é de alçada do comissário, nem do hospital, nem da radiopatrulha, por que haveria de ser da minha alçada? Que é que eu tenho com isso? Deixa o homem morrer de fome.

E o homem morre de fome. De trinta anos presumíveis. Pobremente vestido. Morreu de fome, diz o jornal. Louve-se a insistência dos comerciantes, que jamais morrerão de fome, pedindo providências às autoridades. As autoridades nada mais puderam fazer senão remover o corpo do homem. Deviam deixar que apodrecesse, para escarmento dos outros homens. Nada mais puderam fazer senão esperar que morresse de fome.

E ontem, depois de setenta e duas horas de inanição em plena rua, no centro mais movimentado da cidade do Rio de Janeiro, um homem morreu de fome.

Morreu de fome.

ANEXO 6 – CRÔNICA "O HOMEM NU", DE FERNANDO SABINO

O Homem Nu

Fernando Sabino

Ao acordar, disse para a mulher:

— Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.

— Explique isso ao homem — ponderou a mulher.

— Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações. Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar — amanhã eu pago.

Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

Aterrorizado, precipitou-se até a campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nó dos dedos:

— Maria! Abre aí, Maria. Sou eu — chamou, em voz baixa.

Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.

Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares... Desta vez, era o homem da televisão!

Não era. Refugiado no lanço da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:

— Maria, por favor! Sou eu!

Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindos lá de baixo... Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um ballet grotesco e mal ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava, vagarosa, encetando a subida de mais um lanço de escada. Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão.

Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

— Ah, isso é que não! — fez o homem nu, sobressaltado.

E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pêlo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido... Percebeu, desorientado, que estava sendo levado cada vez para mais longe de seu apartamento, começava a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror!

— Isso é que não — repetiu, furioso.

Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. Lá embaixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: "Emergência: parar". Muito bem. E agora? Iria subir ou descer? Com cautela desligou a parada de emergência, largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir. O elevador subiu.

— Maria! Abre esta porta! — gritava, desta vez esmurrando a porta, já sem nenhuma cautela. Ouviu que outra porta se abria atrás de si.

Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão. Era a velha do apartamento vizinho:

— Bom dia, minha senhora — disse ele, confuso. — Imagine que eu...

A velha, estarrecida, atirou os braços para cima, soltou um grito:

— Valha-me Deus! O padeiro está nu!

E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:

— Tem um homem pelado aqui na porta!

Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:

— É um tarado!

— Olha, que horror!

— Não olha não! Já pra dentro, minha filha!

Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Poucos minutos depois, restabelecida a calma lá fora, bateram na porta.

— Deve ser a polícia — disse ele, ainda ofegante, indo abrir.

Não era: era o cobrador da televisão.

OUTRAS SUGESTÕES

CRÔNICAS

- *Aprenda a chamar a polícia*, de Luís Fernando Veríssimo;
- *Fobias*, de Luís Fernando Veríssimo;
- *O homem trocado*, de Luís Fernando Veríssimo;
- *O melhor amigo*, de Fernando Sabino;
- *O dono da bola*, de Ruth Rocha.

LIVROS

- *A descoberta do mundo*, de Clarice Lispector;
- *Histórias para a sala de aula*, de Walcyr Carrasco;
- *Crônicas Escolhidas*, de Machado de Assis;
- *Pra que serve?,* de Ruth Rocha
- *Para uma menina com uma flor*, de Vinícius de Moraes.

VÍDEOS

Crônica "Exigências da vida moderna", de Luís Fernando Veríssimo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tuM3TDP9m5E&pp=QAA%3D

Trecho do filme "A última crônica". Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FgH8XuTv3ZM

SITES SOBRE CRÔNICAS

https://www.bonashistorias.com.br/

https://cronicabrasileira.org.br/

http://www.releituras.com/index.asp

https://www.revistaprosaversoearte.com/

CAPÍTULO III:

Despertando a contação de histórias a partir do estudo do gênero "Contos"

O que é?

O conto é um texto narrativo do gênero literário. Ele traz um fato ou um determinado acontecimento, sendo geralmente uma ficção, ou seja, uma história inventada. Os contos são fantasiosos, histórias de faz de conta que são muito contadas para as crianças.

O conto possui **elementos e estrutura bem marcados**, sendo que o tipo de história pode indicar o tipo de conto que estamos lendo.

CONTOS

CARACTERÍSTICAS

É um texto curto, possuindo, porém, uma estrutura fechada, isto é, desenvolve uma história e tem apenas um clímax. Além disso, tem poucos personagens, tem narrador, espaço, tempo.

TIPOS DE CONTOS

Contos de fadas, contos populares, contos de terror, contos policiais, contos de fadas, contos de humor, contos infantis, contos fantásticos, entre outros.

ALGUNS AUTORES

Machado de Assis, Paulo Mendes Campos, Marina Colasanti, Luís da Câmara Cascudo, Monteiro Lobato, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Luiz Fernando Veríssimo, Leo Cunha e outros.

OFICINA: QUEM CONTA UM CONTO, AUMENTA UM PONTO

Objetivos:

- Compreender o conceito do gênero Conto e seus tipos;
- Instigar a imaginação dos alunos;
- Resgatar o momento de ouvir histórias;
- Incentivar o desenvolvimento da leitura, da escrita e da expressão oral;
- Promover debates reflexivos a partir das leituras realizadas;
- Produzir contos.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

1. PREPARAÇÃO

- Preparar uma miniaula introdutória sobre o gênero "Conto", contendo conceitos, características, estrutura, classificações, autores, exemplos etc. É importante que o professor faça ressalvas sobre como esse gênero é antigo e sua prática oral nos tempos passados;

- Selecionar um vídeo sobre contos, contações de histórias ou sobre o conto em épocas passadas;

- Selecionar exemplos de contos para serem lidos com e pelos alunos. Como trata-se de uma turma de EJAI, o professor pode optar por trabalhar contos que apresentem ensinamentos, uma vez que isso pode permitir um diálogo mais proveitoso com as experiências dos alunos; conversar sobre contos populares, afinal, isso permite que os alunos compartilhem histórias, proporcionando momentos de contação de histórias. Além disso, contos jocosos são ótimas opções para gerar descontração na turma;

- Elaborar atividades que foquem na estrutura do conto para que os alunos compreendam a diferença desse gênero com outros tipos de textos narrativos;

- Separar livros de contos para apresentar aos alunos e permitir que eles possam realizar leituras;

- Produzir um quebra-cabeça com perguntas e respostas sobre um conto lido;

- Preparar uma "fábrica de contos" para que os alunos produzam seus próprios contos.

2. NA SALA DE AULA

2.1 Primeiro Momento

- Conversa inicial com os alunos sobre contos, sobre o ato de contar histórias;
- Apresentação da miniaula sobre o gênero, abordando conceitos, tipos, estrutura, autores, curiosidades;
- Transmitir o vídeo sobre contos para os alunos. Sugestão de vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=zIMVEd5c87s ;
- Abrir espaço para que os alunos possam falar sobre as suas percepções acerca do gênero;
- Fazer a leitura de contos (Anexo 1 – sugestões de contos) e interpretar juntamente com os alunos, a quantidade fica a critério do professor.

Imagem 1: Recorte do vídeo sobre a história e importância dos contos.

2.2 Segundo Momento

- Apresentar um vídeo contendo um conto. Sugestão: *Galinha ao molho pardo,* uma adaptação do conto homônimo de Fernando Sabino. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3sy3MtlK404 ;
- Solicitar que os alunos escrevam algum conto que já escutaram. Além de socializar com a turma, cada aluno entregará o conto para o professor para que posteriormente sejam feitas correções e preparada uma coletânea de contos pelo professor;
- Dispor livros de contos sobre a mesa para que os alunos tenham acesso e escolham um livro/conto para ler;

Imagens 2 e 3: Livros espalhados sobre a mesa

- Depois que todos alunos tiverem lido algum conto, será feita uma roda de leitura em que cada um vai defender o conto lido e tentar convencer alguém a ler o mesmo conto.

2.3 Terceiro Momento

- Aplicar uma atividade interpretativa de conto (anexo 2);
- Dispor o quebra-cabeça com perguntas e respostas de um conto para que os alunos, em grupo, possam fazer a leitura e resolver o quebra-cabeça (anexo 3);
- Solicitar a produção de contos a partir da *Fábrica de Contos* (anexo 4), a atividade pode ser realizada em dupla;
- Orientar os alunos durante as produções.

2.4 Quarto Momento

- Socialização da produções: o professor levará a coletânea de contos populares reproduzidos pelos alunos. Além disso, cada aluno fará a apresentação do conto produzido para a turma.

3. AVALIAÇÃO

Observar as competências de leitura e escrita dos alunos, o desempenho e interesse nas atividades, as produções e resoluções das atividades propostas. Além disso, o professor pode agregar, também, autoavaliações. Isto é, solicitar que os alunos falem sobre seus aprendizados com a oficina.

ANEXOS DO CAPÍTULO III

ANEXO 1 – CONTOS PARA LEITURA E DISCUSSÕES COM OS ALUNOS

A ESTRANHA PASSAGEIRA

Stanislaw Ponte Preta

– O senhor sabe? É a primeira vez que eu viajo de avião. Estou com zero hora de vôo – e riu nervosinha, coitada.

Depois pediu que eu me sentasse ao seu lado, pois me achava muito calmo e isto iria fazer-lhe bem. Lá se ia a oportunidade de ler o romance policial que eu comprara no aeroporto, para me distrair na viagem. Suspirei e fiz o "bacana" respondendo que estava às suas ordens.

Madama entrou no avião sobraçando um monte de embrulhos, que segurava desajeitadamente. Gorda como era, custou a se encaixar na poltrona e a arrumar todos aqueles pacotes. Depois não sabia como amarrar o cinto e eu tive que realizar essa operação em sua farta cintura.

Afinal estava ali pronta para viajar. Os outros passageiros estavam já se divertindo às minhas custas, a zombar do meu embaraço ante as perguntas que aquela senhora me fazia aos berros, como se estivesse em sua casa, entre pessoas íntimas. A coisa foi ficando ridícula.

– Para que esse saquinho aqui? – foi a pergunta que fez, num tom de voz que parecia que ela estava no Rio e eu em São Paulo.

– É para a senhora usar em caso de necessidade – respondi baixinho.

Tenho certeza de que ninguém ouviu minha resposta, mas todos adivinharam qual foi, porque ela arregalou os olhos e exclamou:

– Uai... as necessidades neste saquinho? No avião não tem banheiro?

Alguns passageiros riram, outros – por fineza – fingiram ignorar o lamentável equívoco da incômoda passageira de primeira viagem. Mas ela era um azougue (embora com tantas carnes parecesse um açougue) e não parava de badalar. Olhava para trás, olhava para cima, mexia na poltrona e quase levou um tombo, quando puxou a alavanca e empurrou o encosto com força, caindo para trás e esparramando embrulhos para todos os lados.

O comandante já esquentara os motores e a aeronave estava parada, esperando ordens para ganhar a pista de decolagem. Percebi que minha vizinha de banco apertava os olhos e lia qualquer coisa. Logo veio a pergunta:

– Quem é essa tal de emergência que tem uma porta só para ela? Expliquei que emergência não era ninguém, a porta é que era de emergência, isto é, em caso de necessidade, saía-se por ela.

Madama sossegou e os outros passageiros já estavam conformados com o término do "show". Mesmo os que mais se divertiam com ele resolveram abrir os jornais, revistas ou se acomodarem para tirar uma pestana durante a viagem.

Foi quando madama deu o último vexame. Olhou pela janela (ela pedira para ficar do lado da janela para ver a paisagem) e gritou:

– Puxa vida!!!

Todos olharam para ela, inclusive eu. Madama apontou para a janela e disse:

– Olha lá embaixo.

Eu olhei. E ela acrescentou: – Como nós estamos voando alto, moço. Olha só... o pessoal lá embaixo até parece formiga.

Suspirei e lasquei:

– Minha senhora, aquilo são formigas mesmo. O avião ainda não levantou vôo.

PRETA, Stanislaw Ponte. **Garoto linha dura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975

O CABOCLO, O PADRE E O ESTUDANTE

Luís da Câmara Cascudo

Um estudante e um padre viajavam pelo sertão, tendo como bagageiro um caboclo. Deram-lhe numa casa um pequeno queijo de cabra. Não sabendo como dividi-lo, mesmo porque chegaria um pequeno pedaço para cada um, o padre resolveu que todos dormissem e o queijo seria daquele que tivesse, durante a noite, o sonho mais bonito, pensando engabelar todos com os seus recursos oratórios. À noite, o caboclo acordou, foi ao queijo e comeu-o.

Pela manhã, os três sentaram à mesa para tomar café e da qual teve de contar o seu sonho. O frade disse ter sonhado com a escada de Jacob e descreveu-a brilhantemente. Por ela, ele subia triunfalmente para o céu. O estudante, então, narrou que sonhara já dentro do céu à espera do padre que subia. O caboclo sorriu e falou:

- Eu sonhei que via seu padre subindo a escada e seu doutor lá dentro do céu, rodeado de amigos. Eu ficava na terra e gritava: - Seu doutor, seu padre, o queijo! Vosmicês esqueceram o queijo. Então vosmicês respondiam de longe, do céu: - Come o queijo, caboclo! Come o queijo, caboclo! Nós estamos no céu, não queremos queijo. O sonho foi tão forte que eu pensei que era verdade, levantei-me, enquanto vosmicês dormiam, e comi o queijo.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Contos tradicionais do Brasi**l. São Paulo: Edusp, 1988.

VÓ CAIU NA PISCINA

Carlos Drummond de Andrade

Noite na casa da serra, a luz apagou. Entra o garoto:

– Pai, vó caiu na piscina.

– Tudo bem, filho.

O garoto insiste:

– Escutou o que eu falei, pai?

– Escutei, e daí? Tudo bem.

– Cê não vai lá?

– Não estou com vontade de cair na piscina.

– Mas ela tá lá...

– Eu sei, você já me contou. Agora deixe seu pai fumar um cigarrinho descansado.

– Tá escuro, pai.

– Assim até é melhor. Eu gosto de fumar no escuro. Daqui a pouco a luz volta. Se não voltar, dá no mesmo. Pede à sua mãe pra acender a vela na sala. Eu fico aqui mesmo, sossegado.

– Pai...

– Meu filho, vá dormir. É melhor você deitar logo. Amanhã cedinho a gente volta pro Rio, e você custa a acordar. Não quero atrasar a descida por sua causa.

– Vó tá com uma vela.

– Pois então? Tudo bem. Depois ela acende.

– Já tá acesa.

– Se está acesa, não tem problema. Quando ela sair da piscina, pega a vela e volta direitinho pra casa. Não vai errar o caminho, a distância é pequena, você sabe muito bem que sua avó não precisa de guia.

– Por quê cê não acredita no que eu digo?

– Como não acredito? Acredito sim.

– Cê não tá acreditando.

– Você falou que a sua avó caiu na piscina, eu acreditei e disse: tudo bem. Que é que você queria que eu dissesse?

– Não, pai, cê não acreditou ni mim.

– Ah, você está me enchendo. Vamos acabar com isso. Eu acreditei. Quantas vezes você quer que eu diga isso? Ou você acha que estou dizendo que acreditei mas estou mentindo? Fique sabendo que seu pai não gosta de mentir.

– Não te chamei de mentiroso.

– Não chamou, mas está duvidando de mim. Bem, não vamos discutir por causa de uma bobagem. Sua avó caiu na piscina, e daí? É um direito dela. Não tem nada de extraordinário cair na piscina. Eu só não caio porque estou meio resfriado.

– Ô, pai, cê é de morte!

O garoto sai, desolado. Aquele velho não compreende mesmo nada. Daí a pouco chega a mãe:

– Eduardo, você sabe que dona Marieta caiu na piscina?

– Até você Fátima? Não chega o Nelsinho vir com essa ladainha?

– Eduardo, está escuro que nem breu, sua mãe tropeçou, escorregou e foi parar dentro da piscina, ouviu? Está com a vela acesa na mão, pedindo para que tirem ela de lá, Eduardo! Não pode sair sozinha, está com a roupa encharcada, pesando muito, e se você não for depressa, ela vai tem uma coisa! Ela morre, Eduardo!

– Como? Por que aquele diabo não me disse isto? Ele falou apenas que ela tinha caído na piscina, não explicou que ela tinha tropeçado, escorregado e caído!

Saiu correndo, nem esperou a vela, tropeçou, quase que ia parar também dentro d'água.

– Mamãe, me desculpe! O menino não me disse nada direito. Falou que a senhora caiu na piscina. Eu pensei que a senhora estava se banhando.

– Está bem, Eduardo – disse dona Marieta, safando-se da água pela mão do filho, e sempre empunhando a vela que conseguira manter acesa. – Mas de outra vez você vai prestar mais atenção no sentido dos verbos, ouviu? Nelsinho falou direito, você é que teve um acesso de burrice, meu filho!

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Moça deitada na grama.** Rio de Janeiro: Record, 1987.

CONTINHO

Paulo Mendes Campos

Era uma vez um menino triste, magro e barrigudinho, do sertão de Pernambuco. Na soalheira danada de meio-dia, ele estava sentado na poeira do caminho, imaginando bobagem, quando passou um gordo vigário a cavalo:

_ Você aí, menino, para onde vai essa estrada?

_ Ela não vai não: nós é que vamos nela.

_ Engraçadinho duma figa! Como se chama?

_ Eu não me chamo não, os outros é que me chamam de Zé.

CAMPOS, Paulo Mendes. **Crônica 1.** São Paulo: Ática, 2002, p.76.

A CARTA

Luís Fernando Veríssimo

Esta outra história é de dois namorados, ele chamado Haroldo e ela, por coincidência, Marta. Os dois brigaram feio, e Marta escreveu uma carta para Haroldo, rompendo definitivamente o namoro e ainda dizendo uma verdade que ele precisava ouvir. Ou, no caso, ler. Mas se arrependeu do que tinha escrito e no dia seguinte fez plantão na calçada em frente do edifício de Haroldo, esperando o carteiro. Precisava interceptar a carta de qualquer jeito. Quando o carteiro apareceu, Marta fingiu que estava chegando ao edifício e perguntou:

– Alguma coisa para o 702? Eu levo.

Mas não tinha nada para o 702. No dia seguinte tinha, mas não a carta de Marta. No terceiro dia, o carteiro desconfiou, hesitou em entregar a correspondência a Marta, que foi obrigada a fazer uma encenação dramática. Não era do 702. Era a autora de uma carta para o 702. E queria a carta de volta. Precisava daquela carta. Era importantíssimo ter aquela carta. Não podia dizer

por quê. Afinal, a carta era dela mesma, devia ter o direito de recuperá-la quando quisesse! O carteiro disse que o que ela estava querendo fazer era crime federal, mas mesmo assim olhou os envelopes do 702 para ver se entre eles estava a carta. Não estava. No dia seguinte – quando Marta ficou sabendo que o carteiro se chamava Jessé e, apesar de tão jovem, já era viúvo, além de colorado* – também não. No outro dia também não, e o carteiro convidou Marta para, quem sabe, um chope. Na manhã depois do chope, a carta ainda não tinha chegado e Marta e Jessé combinaram ir ver *Titanic* juntos. No dia seguinte – nem sinal da carta – Jessé perguntou se Marta não queria conhecer sua casa. Era uma casa pobre, morava com a mãe, mas, se ela não se importasse... Marta disse que ia pensar.

No dia seguinte chegou a carta. Jessé deu a carta a Marta. Ela ficou olhando o envelope por um longo minuto. Depois a devolveu ao carteiro e disse:

– Entrega.

E, diante do espanto de Jessé, explicou que só queria ver se tinha posto o endereço certo.

*Colorado: torcedor do Internacional, time de futebol de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

Luis Fernando Verissimo. **Festa de criança**. São Paulo: Ática, 2000. Col. Para Gostar de Ler Júnior.

ANEXO 2 - CONTO COM QUESTÕES INTERPRETATIVAS

A MOÇA TECELÃ

Marina Colasanti

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranqüila.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu

emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponto dos sapatos, quando bateram à porta.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando em sua vida.

Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

— Uma casa melhor é necessária — disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente.

— Para que ter casa, se podemos ter palácio? — perguntou. Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

— É para que ninguém saiba do tapete — ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: — Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo.

Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura, acordou, e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito aprumado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.

Texto extraído do livro "Doze Reis e a Moça no Labirinto do Vento", Global Editora , Rio de Janeiro, 2000, uma colaboração da amiga Janaina Pietroluongo, da longínqua Oxford.

Sugestões de questões interpretativas

1. Considerando o título do conto e o início da história, a personagem principal é chamada de "moça", mas a partir de determinado fato ela passa a ser chamada de "mulher". Qual fato ocasionou essa mudança?

2. No desfecho da narrativa, temos "a moça escolheu uma linha clara". O que a escolha da cor simboliza no conto?

( ) solidão ( ) entusiasmo ( ) tristeza ( ) serenidade

3. Que tipo de narrador temos no conto lido? Narrador personagem ou observador? Justifique sua resposta.

4. O enunciado “Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.” aparece em dois momentos da história. Você acha que ele apresenta o mesmo sentido em ambas as situações?

5. Que outro título você daria ao texto?

6. O texto “A moça tecelã” é ficcional ou não? Por quê?

7. O relacionamento entre a tecelã e o marido pode ser caracterizado como abusivo? Por quê?

8. Qual(is) sentimento(s) do marido fez com que a moça livrar-se dele?

9. O conto lido dialoga com os contos de fadas antigos, trazendo castelo, estrebarias, bordados fantásticos, príncipes com chapéus de pluma. Ainda assim, “A moça tecelã” apresenta um final diferente e atual. Comente essa afirmação.

10. Considerando a vida humana, que cuidados você acredita que devemos ter ao tecermos nossos caminhos?

11. Na sua opinião, cada um tece aquilo que deseja para si ou em determinadas circunstâncias somos levados a aceitar o que tecem para nós?

ANEXO 3 – QUEBRA-CABEÇA COM QUESTÕES E RESPOSTAS SOBRE UM CONTO

O conto a seguir será lido pelo professor. Em seguida, os alunos (divididos em duplas) tentarão resolver o quebra-cabeça sobre o texto.

Bruxas não existem

(Moacyr Scliar)

Quando eu era garoto, acreditava em bruxas, mulheres malvadas que passavam o tempo todo maquinando coisas perversas. Os meus amigos também acreditavam nisso. A prova para nós era uma mulher muito velha, uma solteirona que morava numa casinha caindo aos pedaços no fim de nossa rua. Seu nome era Ana Custódio, mas nós só a chamávamos de "bruxa".

Era muito feia, ela; gorda, enorme, os cabelos pareciam palha, o nariz era comprido, ela tinha uma enorme verruga no queixo. E estava sempre falando sozinha. Nunca tínhamos entrado na casa, mas tínhamos a certeza de que, se fizéssemos isso, nós a encontraríamos preparando venenos num grande caldeirão.

Nossa diversão predileta era incomodá-la. Volta e meia invadíamos o pequeno pátio para dali roubar frutas e quando, por acaso, a velha saía à rua para fazer compras no pequeno armazém ali perto, corríamos atrás dela gritando "bruxa, bruxa!".

Um dia encontramos, no meio da rua, um bode morto. A quem pertencera esse animal nós não sabíamos, mas logo descobrimos o que fazer com ele: jogá-lo na casa da bruxa. O que seria fácil. Ao contrário do que sempre acontecia, naquela manhã, e talvez por esquecimento, ela deixara aberta a janela da frente. Sob comando do João Pedro, que era o nosso líder, levantamos o bicho, que era grande e pesava bastante, e com muito esforço nós o levamos até a janela. Tentamos empurrá-lo para dentro, mas aí os chifres ficaram presos na cortina.

- Vamos logo - gritava o João Pedro -, antes que a bruxa apareça. E ela apareceu. No momento exato em que, finalmente, conseguíamos introduzir o

bode pela janela, a porta se abriu e ali estava ela, a bruxa, empunhando um cabo de vassoura. Rindo, saímos correndo. Eu, gordinho, era o último.

E então aconteceu. De repente, enfiei o pé num buraco e caí. De imediato senti uma dor terrível na perna e não tive dúvida: estava quebrada. Gemendo, tentei me levantar, mas não consegui. E a bruxa, caminhando com dificuldade, mas com o cabo de vassoura na mão, aproximava-se. Àquela altura a turma estava longe, ninguém poderia me ajudar. E a mulher sem dúvida descarregaria em mim sua fúria.

Em um momento, ela estava junto a mim, transtornada de raiva. Mas aí viu a minha perna, e instantaneamente mudou. Agachou-se junto a mim e começou a examiná-la com uma habilidade surpreendente.

- Está quebrada - disse por fim. - Mas podemos dar um jeito. Não se preocupe, sei fazer isso. Fui enfermeira muitos anos, trabalhei em hospital. Confie em mim.

Dividiu o cabo de vassoura em três pedaços e com eles, e com seu cinto de pano, improvisou uma tala, imobilizando-me a perna. A dor diminuiu muito e, amparado nela, fui até minha casa. "Chame uma ambulância", disse a mulher à minha mãe. Sorriu.

Tudo ficou bem. Levaram-me para o hospital, o médico engessou minha perna e em poucas semanas eu estava recuperado. Desde então, deixei de acreditar em bruxas. E tornei-me grande amigo de uma senhora que morava em minha rua, uma senhora muito boa que se chamava Ana Custódio.

3.1 Quebra-cabeça

Tanto perguntas quanto respostas deverão ser recortadas. Após isso, de um lado o professor colocará as perguntas em ordem e do outro lado colocará as respostas embaralhadas.

PERGUNTAS	RESPOSTAS
Qual é o nome da senhora?	Ana Custódio
Qual é o tipo de narrador da história?	Personagem
De acordo com o texto, Ana Custódio era...	Gorda, feia e tinha nariz comprido
Qual era o apelido de Ana Custódio?	Bruxa
Quando o menino se machucou, o que Ana Custódio fez?	Fez estacas com o pau que levava, imobilizou a perna do garoto e depois chamou a ambulância.
O que significa o trecho "maquinando coisas perversas"?	significa planejar ações e atitudes malvadas ou ruins.
A bruxa da história tem uma verruga onde?	No queixo.
Com quem a bruxa costumava conversar?	Com ela mesma.
O que os meninos costumavam furtar do pátio da bruxa?	Frutas.
De quem era o bode encontrado morto?	Não sabiam.

Por onde o bode foi jogado pelos meninos?	**Pela janela.**
Qual foi a profissão que Ana Custódio exerceu por muito tempo?	**Enfermagem.**
Qual é o título do conto?	**Bruxas não existem**
Onde se passa a história?	**Na vizinhança.**

Os enunciados abaixo poderão ser recortados e misturados às demais respostas, visando dificultar o desenvolvimento da atividade.

Minha vizinha é uma bruxa.	**Pelo muro.**
Doces.	**No quintal da casa.**
Porções mágicas.	**significa utilizar máquinas para fazer**
Ser bruxa.	**coisas ruins.**
No nariz.	**Com os vizinhos.**
Com suas amigas.	**Observador.**
Era da bruxa.	**Na casa do colega do menino.**

ANEXO 4 – FÁBRICA DE CONTOS

Serão dispostos aos alunos alguns envelopes contendo títulos, personagens, tempos e espaços diversos. Os alunos pegarão um papel de cada um dos envelopes. Em seguida, elaborarão uma história contendo todas as características contidas nos papeis.

Na imagem acima podemos conferir um modelo, mas fica a critério do professor como será feita a distribuição com os alunos.

DICAS

EXTRAS

DICAS IMPORTANTES

- Sempre que possível, antes de uma leitura compartilhada, solicite que os alunos façam uma leitura silenciosa, pois isso permite uma melhor interpretação do que é lido, além de potencializar a capacidade leitora;
- Durante as atividades peça que os alunos ponham as carteiras em círculo. É interessante que se combine com os alunos que, antes de cada aula, eles possam adiantar a organização da sala. Da mesma forma, é conveniente, também, que ao final da aula eles possam reorganizar da sala para o próximo professor;
- Caso haja familiares em uma mesma turma, pode ser uma opção permitir que eles façam as atividades juntos;
- É importante sempre deixar os alunos à vontade, realizando as atividades no seu tempo, evitando pressioná-los;
- Considerando as turmas de EJAI, sabemos que os alunos têm pouco tempo para fazer pesquisas ou até mesmo podem não ter como fazer pesquisas. Assim, a sugestão que aqui deixamos é a de que o professor disponibilize as biografias dos autores, livros e crônicas;
- É bom levar alguns dicionários para a sala de aula. Alguns textos apresentam palavras que os alunos possam desconhecer. Além de facilitar a leitura, é também um excelente exercício de ampliação lexical;
- Busque sempre conversar previamente com os alunos sobre o assunto a ser trabalhado. Isso permite não somente antecipar a temáticas, mas também receber contribuições dos alunos. Eles podem esclarecer suas expectativas a respeito do assunto, falar sobre experiências que já tiveram, exporem dúvidas etc. Caso o professor considere muito dificultoso elaborar e preparar um diagnóstico inicial escrito, essa conversa pode ser uma ótima estratégia para melhor conhecer os alunos, seus hábitos e experiências;
- Procure sempre deixar claro a importância de participar das aulas, de realizar as atividades propostas. É essencial que o aluno entenda os objetivos de cada atividade;
- Destaque sempre a importância que o aluno tem no processo de ensino-aprendizagem, valorizando suas expectativas e dificuldades.

OUTRAS ATIVIDADES

Roleta de Leitura

O professor produzirá uma roleta numérica. Cada número será referente a um texto diferente. O intuito da atividade é, portanto, pedir para que cada aluno gire a roleta e leia o texto referente ao número.

Outra opção é trabalhar os gêneros textuais com a roleta (foto). Então, a cada número sorteado, o aluno lerá o conceito e as características do gênero.

Além disso, o professor pode optar por não pôr na própria roleta os conceitos e características, ele pode solicitar que os alunos tentem conceituar, quer seja através da escrita ou da oralidade.

Foto 1: Roleta de Gêneros Textuais

Fonte: Google Imagens, 2020.

Dado de Palavras

Esse recurso contribuirá para a formação de frases. Cada aluno jogará o dado e com a palavra que aparecer formará uma frase contendo a palavra. A intenção dessa atividade consiste em mostrar aos alunos a capacidade produtiva deles.

Muitos alunos consideram difícil produzir um texto ou até mesmo se sentem incapacitados. Assim, ao mostrar que eles conseguem produzir uma frase, eles podem também produzir um texto, uma vez que um texto é composto de diversas frases.

Outra opção é colocar dos lados do dado as palavras: monossílabas, dissílabas, trissílabas e polissílabas. A sugestão aqui é que os alunos possam falar palavras de acordo com a classificação que surgir com o dado.

Foto 2: Dado de Classificação das Palavras

Fonte: Google Imagens, 2020.

Produção de Texto

O professor pode questionar sobre como foi o dia, a semana ou o fim de semana do aluno. Ele irá responder no caderno. Após, ele produzirá um texto contendo informações anotadas por ele.

Colcha de Retalhos

O professor pode solicitar que cada aluno leve um pedaço de pano para a aula. O aluno escreverá no pano alguma lembrança sua. Quando todos tiverem feito isso, cada tecido será costurado (pelos próprios alunos), de forma que se unam todos os retalhos formando uma colcha.

Obs.: Mesmo sendo uma turma de jovens e adultos, é bom ter cuidado com o manejo das agulhas em sala de aula. Além disso, deve-se atentar, também, para a escolha das canetas a serem utilizadas no tecido, pois, dependendo da escolha da cor, elas podem não ficar muito legíveis considerando também a cor do tecido. Caso alguns alunos esqueçam de levar o retalho de pano, estimule a partilha em sala de aula, havendo a possibilidade de dividi-los ao meio.

Outra sugestão, caso não se opte por utilizar a costura, seria colar os retalhos em folhas de cartolina, de forma que a colagem se pareça com uma colcha.

Diário de Leitura

Solicitar que cada aluno reserve um caderno para fazer anotações acerca das leituras realizadas. Caso não haja essa possibilidade, o professor pode elaborar fichas de leitura e distribuir para os alunos e, próximo ao encerramento do ano letivo, juntar todas as fichas e montar um diário de leitura. Esse tipo de atividade costuma despertar o interesse dos alunos para com a leitura, pois entenderão que cada leitura apresenta uma mensagem capaz de ser interpretada por eles.

FICHA DE LEITURA

TÍTULO: _____
AUTOR(A): _____
ILUSTRADOR(A): _____EDITORA:_____
LOCAL E ANO DE EDIÇÃO: _____

O LIVRO QUE LI É DE:

( ) Contos ( ) Crônicas ( ) Poemas
( ) Histórias em quadrinhos ( ) Teatro ( ) Outra temática

O QUE ACHEI DO LIVRO:

( ) Ótimo ( ) Muito Bom ( ) Bom ( ) Ruim ( ) Péssimo

BREVE RESUMO:

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Moça deitada na grama.** Rio de Janeiro: Record, 1987.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **O poder ultra jovem.** Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1972.

ASSIS, Machado de. **Fuga do hospício e outras crônicas.** Para gostar de ler. 2ª Edição. São Paulo: Ática, 2002.

CAMPOS, Paulo Mendes. **Crônica 1.** São Paulo: Ática, 2002, p.76.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Contos tradicionais do Brasi**l. São Paulo: Edusp, 1988.

CASIMIRO DE ABREU. Meus oito anos. In: Clássicos da poesia brasileira. São Paulo: Klick, 1997. p. 115-116.

COLASANTI, Marina. **Eu sei, mas não devia.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1996.

LISPECTOR, Clarice. **Aprendendo a viver.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2004.

PRAVALER. O que é crônica e suas características? Disponível em: https://www.pravaler.com.br/o-que-e-cronica-e-suas-caracteristicas/ Acesso em: 02 set. 2020

PRETA, Stanislaw Ponte. **Garoto linha dura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975

SABINO, Fernando. **A mulher do vizinho.** 17 ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SABINO, Fernando. **O homem nu.** Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960.

SCLIAR, Moacyr. Vício Secreto. Folha de São Paulo, São Paulo, 05 de janeiro de 1998. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff050115.htm Acesso em: 03 jul. 2020.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **Festa de criança**. São Paulo: Ática, 2000. Col. Para Gostar de Ler Júnior.